

A CONTRIBUIÇÃO DE FLÁVIO JOSEFO [1], O HISTORIADOR

(Luiz Guilherme Marques)

(dedico este artigo a Reynaldo Ximenes Carneiro, Nelson Missias de Moraes e Doorgal Gustavo Borges de Andrada)

Cada pessoa traz para o plano terreno, com a encarnação, pelo menos uma tarefa relevante para si própria como espírito em evolução, para outras pessoas ou para coletividades inteiras.

Nosso personagem deste breve artigo tinha como tarefa principal utilizar o prestígio que lhe foi outorgado por três imperadores romanos sucessivamente (Vespasiano [2], Tito [3] e Domiciano [4]) para afirmar a existência de Jesus Cristo perante a História oficial.

Se não fosse sua afirmação explícita e firme, registrada sob a proteção imperial romana, até hoje haveria quem duvidasse da passagem do Divino Mestre pela Terra.

Os opositores dizem que a informação que consta no livro de Josefo foi inserida fraudulentamente muito tempo depois de escrita a obra a que nos referiremos abaixo.

Mas essa pedra lançada contra a referida afirmação é mais do que irresponsável e cai por si mesma.

Disse o historiador:

"Havia neste tempo Jesus, um homem sábio [, se é lícito chamá-lo de homem, porque ele foi o autor de coisas admiráveis, um professor tal que fazia os homens receberem a verdade com prazer]. Ele fez seguidores tanto entre os judeus como entre os gentios.[Ele era o

Cristo.] E quando Pilatos, seguindo a sugestão dos principais entre nós, condenou-o à cruz, os que o amaram no princípio não o esqueceram;[porque ele apareceu a eles vivo novamente no terceiro dia; como os divinos profetas tinham previsto estas e milhares de outras coisas maravilhosas a respeito dele]. E a tribo dos cristãos, assim chamados por causa dele, não está extinta até hoje." (Antiguidades Judaicas)

Não delongaremos sobre a importância dessa afirmação para a certeza de que Jesus Cristo realmente existiu.

Muitos adeptos do Judaísmo atacam a própria honorabilidade do historiador judaico-romano, mas, mesmo que se considere que errou muito na vida privada e na vida pública, sua referência ao Cristo não pode nem deve deixar de prevalecer.

Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Fica aqui nossa gratidão a esse homem corajoso, que ousou enfrentar a ira dos sacerdotes da sua terra natal e correu sérios riscos até de vida para dar seu testemunho sobre um fato histórico que desagradava e ainda desagrada a cúpula do Judaísmo.

Se o conteúdo dos livros de Josefo encontrava a adesão dos referidos protetores romanos ou não é outra história, mas a verdade é que, sem essa proteção explícita e firme dos mencionados imperadores da família Flávia, jamais a referida afirmação chegaria à posteridade e hoje Jesus não passaria de uma lenda.

As falas dos evangelistas, como se sabe, não é acreditada pelos historiadores, mas não há como negar-se crédito ao que Josefo, um historiador respeitado, escreveu.

Vespasiano, Tito e Domiciano também merecem encômios pela sua participação na divulgação da Verdade que Jesus trouxe à Terra.

Atualmente, esses três grandes líderes estão encarnados e desempenham importantes missões no mundo jurídico.

Vejam, caros leitores, algumas referências aos nossos quatro personagens, a fim de que se situem no tempo e no espaço quanto ao que estamos falando.

[1]

“Flávio Josefo, ou apenas Josefo (em latim: Flavius Josephus; 37 ou 38^[1] — ca. 100^[2]), também conhecido pelo seu nome hebraico Yosef ben Mattityahu (יֵסֵף בֶּן מַתִּיתְיָהוּ, ed etnairav é saitaM] saitaM ed ohlif ,ésoJ" , מתתיהו, Mateus]) e, após se tornar um cidadão romano, como Tito Flávio Josefo (latim: Titus Flavius Josephus),^[3] foi um historiador e apologista judaico-romano, descendente de uma linhagem de importantes sacerdotes e reis, que registrou in loco a destruição de Jerusalém, em 70 d.C., pelas tropas do imperador romano Vespasiano, comandadas por seu filho Tito, futuro imperador. As obras de Josefo fornecem um importante panorama do judaísmo no século I.

Suas duas obras mais importantes são Guerra dos Judeus (c. 75) e Antiguidades Judaicas (c. 94).^[4] O primeiro é fonte primária para o estudo da revolta judaica contra Roma (66-70^[5]), enquanto o segundo conta a história do mundo sob uma perspectiva judaica. Estas obras fornecem informações valiosas sobre a sociedade judaica da época, bem como sobre o período que viu a separação definitiva do cristianismo do judaísmo e as origens da Dinastia Flaviana, que reinaria de 69 a 96.^[4]

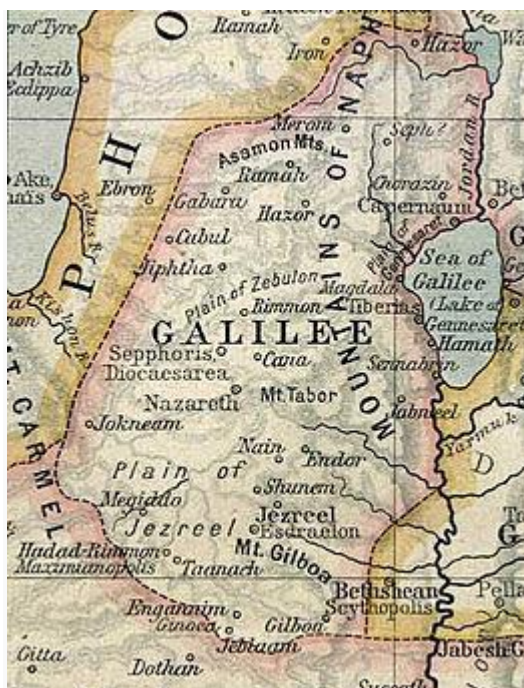
Biografia

As informações de que dispomos sobre a sua vida provêm principalmente de sua autobiografia (Vida de Flávio Josefo). Josefo, que se apresentou em grego como Iósepos (Ιώσηπος), filho de Matias, sacerdote judaico^[6], teria nascido em Jerusalém numa família de cohanim (sacerdotes), onde teria recebido uma educação sólida na Torá. Sua mãe descendia da família real dos Hasmoneus. Aos treze anos de idade, iniciou seu aprendizado sobre três das quatro seitas judaicas: saduceus, fariseus e essênios optando aos dezenove anos de idade por aderir ao farisaísmo. Em sua obra, Josefo atribui aos zelotas, a quarta seita, a responsabilidade por ter incitado a revolta contra os romanos, que conduziu à destruição de Jerusalém e do Templo.

Em 64, contando com vinte e seis anos de idade, seguiu numa embaixada a Roma onde obteve, por intermédio de Popeia Sabina, esposa do imperador Nero, a libertação de alguns sacerdotes hebreus condenados pelo governador da Judeia, Marco Antônio Félix. Ao regressar à Judeia, Jerusalém encontrava-se à beira da revolta. Josefo procurou dissuadir os líderes mas seus esforços foram inúteis, tendo os revoltosos tomado a Fortaleza Antônia (66). Josefo, com receio de ser acusado de partidário dos romanos, refugiou-se no Templo. Entretanto, após a morte de Manaém e dos principais líderes da revolta, uniu-se aos sacerdotes do Sinédrio (Sanhedrin) que, naquele momento, aguardavam a chegada das tropas de Cássio para sufocar a revolta, o que não se concretizou pela derrota destas.

O Sinédrio o enviou à Galileia. À sua chegada, relatou a Jerusalém que os galileus estavam prestes a marchar sobre Séforis, cidade leal a Roma. O Sinédrio então o designou governador militar da província, que fez fortificar. Defrontou-se com a oposição dos extremistas

liderados por João de Giscala, que o acusavam de tender à contemporização.



Galileia, governada brevemente por Josefo.

Enfrentou as forças de Plácido, enviadas por Géstio Galo para a região. Em 67, as tropas de Vespasiano tomaram Jotapata, e Josefo, com quarenta homens, escondeu-se em uma cisterna. Com a descoberta do esconderijo, foi-lhes proposto que se rendessem em troca das próprias vidas. Josefo teria sugerido então um método de suicídio coletivo: tirariam a sorte e matariam-se uns aos outros, de três em três pessoas; restaram apenas Josefo e mais um homem. Há quem veja o ocorrido como um problema matemático, por vezes designado como problema de Josefo ou Roleta Romana^[7]). Josefo convenceu este seu soldado a se entregar às forças romanas que invadiram a Galileia, em julho de 67, tornando-se prisioneiro de guerra. As tropas romanas do imperador romano, (Flávio) Vespasiano, eram comandadas por seu filho, Tito, ele próprio futuro imperador. Em 69, Josefo foi libertado^[8] e, de acordo com seu próprio relato, teria tido um papel de relevo como negociador com as tropas de resistência durante o cerco de Jerusalém, em 70, com discursos incitando os

revoltosos ao arrependimento, sem que fosse ouvido. Indo para Roma, após a queda de Jerusalém, foi bem aceito, assumindo o nome romano de seu protetor Flávio Vespasiano, e recebido a cidadania romana. Passou também a receber uma generosa pensão. Além disso, tratou de aumentar suas rendas, obtendo permissão de Vespasiano para, através de seus agentes, adquirir, a preço vil, terras na Judeia, confiscadas dos envolvidos na revolta^[9]. As honrarias prosseguiram sob o reinado de Tito e de Domiciano.

Em 71 Josefo chegou a Roma com a comitiva de Tito; cidadão romano, passou a ser um cliente da dinastia dominante, os flavianos. Durante sua estada em Roma, e sob patronagem flaviana, escreveu todas as suas obras conhecidas. Embora Josefo só se refira a si próprio por este nome, parece ter adotado o prenome Tito (Titus) e o nome Flávio (Flavius) de seus patrões^[10]. Esta prática era costumeira para todos os 'novos' cidadãos romanos.

A primeira esposa de Josefo morreu, juntamente com seus pais, durante o cerco de Jerusalém. Vespasiano arranhou-lhe um casamento com uma mulher judaica que também fôra capturada. Esta mulher o abandonou e, por volta de 70, casou-se com uma judia de Alexandria, com quem teve três filhos. Apenas um, Flávio Hircano (Flavius Hyrcanus), sobreviveu além da infância. Josefo se divorciou posteriormente desta sua terceira esposa e, no ano 75, se casou pela quarta vez, com uma judia de uma família distinta de Creta. Este último casamento produziu dois filhos, Flávio Justo (Flavius Justus) e Flávio Simônides Agripa (Flavius Simonides Agrippa).



Imagem romantizada de Flávio Josefo, na tradução de suas obras por William Whiston.

A vida de Josefo é recheada de ambiguidades; para seus críticos, ele nunca explicou satisfatoriamente seus atos durante a Guerra Judaica — como por que ele não teria cometido suicídio na Galileia, com seus companheiros, e por que, depois de sua captura, aceitou a patronagem dos romanos^[11]. Seus críticos, no entanto, ignoram o fato de que Simão bar Giora e João de Giscala, ambos zelotas extremistas e grandes oponentes de Josefo que permaneceram em Jerusalém e lideraram os combates contra os romanos em sua última etapa, preferiram — num momento de honestidade — a vida ao suicídio, e humildemente se renderam aos romanos. Aqueles que viram Josefo como um traidor e informante também questionaram sua credibilidade como historiador — desprezando suas obras como propaganda romana ou uma apologética pessoal, destinada a reabilitar sua reputação histórica. Mais recentemente, críticos vêm reavaliando as visões pré-concebidas de Josefo. Um argumento importante é a comparação entre os danos causados por seus atos e aqueles dos idealistas que reprovaram seu comportamento; enquanto Josefo teria sido responsável pelo suicídio de alguns soldados, pela humilhação temporária de um exército enfraquecido e pelo transtorno de uma esposa, os bons, leais, idealistas e

corajosos, devotos e patrióticos líderes de Jerusalém tinham sacrificados dezenas de milhares de vidas à causa da liberdade; Tito e Vespasiano sacrificaram dezenas de milhares mais à causa da ordem civil, e até mesmo Agripa II, o rei da Judéia, cliente romano, que fez tudo o que podia para evitar a guerra, acabou supervisionando a destruição de meia dúzia de cidades e a venda de seus habitantes como escravos^[12].

Josefo foi sem dúvida alguma um importante apologista, no mundo romano, para a cultura e o povo judaico, particularmente numa época de conflito e tensão. Sempre permaneceu, pelo menos em seus próprios olhos, um judeu leal e cumpridor das leis. Fez tudo o que podia para indicar o judaísmo aos gentis letrados, e para insistir sobre sua compatibilidade com o pensamento aculturado greco-romano. Constantemente se manifestou a respeito da antiguidade da cultura judaica, apresentando seu povo como civilizado, devoto e filosófico. Eusébio relata que uma estátua de Josefo teria sido erguida em Roma.^[13]

Obra

Escreveu um relato da Grande Revolta Judaica, dirigida à comunidade judaica da Mesopotâmia, em língua aramaica. Escreveu, depois, em grego, outra obra de cariz histórico que abarcava o período que vai dos Macabeus até à queda de Jerusalém. Este livro, a Guerra dos Judeus, foi publicado em 79. A maior parte do livro é diretamente inspirada na sua própria vida e experiência militar e administrativa.

As Antiguidades Judaicas (escritas cerca de 94 em grego) é a história dos Judeus desde a criação do Génesis até à irrupção da guerra da década de 60. Acrescentou, no final, um apêndice autobiográfico onde defendeu a sua posição colaboracionista em relação aos invasores romanos. O seu relato, ainda que com um paralelismo evidente em relação ao Antigo Testamento, não é idêntico ao das escrituras sagradas. Há quem defenda que estas

diferenças se devam à possibilidade de Josefo ter tido acesso a documentos antigos (que remontariam até à época de Neemias) que teriam sobrevivido à destruição do templo. A maior parte dos académicos não dá crédito a tal suposição. Neste livro encontra-se o famoso Testimonium Flavianum, uma das referências mais antigas a Jesus, mas considerada por alguns estudiosos uma interpolação fraudulenta posterior^[14] [15] .

Contra Apião é outra obra importante deste autor, onde o judaísmo é defendido como religião e filosofia realmente clássica, em contraponto às tradições mais recentes dos gregos. O livro serve para expor e refutar algumas alegações anti-semíticas de Apião, bem como mitos antigos, como os de Manetão.

Sua última obra, foi uma autobiografia (Vida de Flávio Josefo), que nos revela o nome do adversário ("Justo de Tiberíades", filho de Pistos), ao qual essa obra vem responder e as censuras que lhe faz Josefo. Essa obra é cheia de lacunas, confusa e hipertrofiada. E ela traz sobre a vida de Josefo informações preciosas, que não encontramos em nenhum outro historiador da antiguidade."

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A1vio_Josefo)

[2]

“Tito Flávio Sabino Vespasiano (em latim: Titus Flavius Vespasianus; perto de Rieti, 17 de novembro de 9 — Água Cutília, 23 de junho 79), foi um imperador romano, o primeiro da dinastia flaviana, que ocupou o poder em 69, logo após o suicídio de Nero (68) e o conturbado ano dos quatro imperadores (69). Foi proclamado imperador pelos seus próprios soldados em Alexandria. Sucederam-lhe sucessivamente dois dos seus filhos, Tito e Domiciano.

De origem modesta, descendia de uma família da ordem equestre que atingira o classe senatorial durante os

reinados dos imperadores da dinastia júlio-claudiana. Designado cônsul em 51, ganhou renome como comandante militar, destacando-se na invasão romana da Britânia (43). Comandou as forças romanas que fizeram face à primeira guerra judaico-romana de 66 Quando se dispunha a sitiar Jerusalém, a capital rebelde, o imperador Nero suicidou-se, mergulhando o império num ano de guerras civis conhecido como o "ano dos quatro imperadores". Após a rápida sucessão e falecimento de Galba e Otão e a ascensão ao poder de Vitélio, os exércitos das províncias do Egito e Judeia proclamaram Vespasiano imperador a 1 de julho de 69 No seu caminho para o trono imperial, Vespasiano aliou-se com o governador da província da Síria, Caio Licínio Muciano, quem conduziu as tropas de Vespasiano contra Vitélio, enquanto o próprio Vespasiano tomava o controle sobre a província do Egito. A 20 de dezembro, Vitélio foi derrotado e ao dia seguinte Vespasiano foi proclamado imperador pelo senado.

Pouca informação sobreviveu aos dez anos de governo de Vespasiano. Destaca-se o programa de reformas financeiras que promoveu, tão necessário após a queda da dinastia júlio-claudiana, a sua bem-sucedida campanha militar na Judeia e os seus ambiciosos projetos de construção como o Anfiteatro Flávio, conhecido popularmente como o Coliseu Romano.

Reformulou o senado e a Ordem Equestre e desenvolveu um sistema educativo mais amplo. Reprimiu a sublevação da Gália, mas incompatibilizou-se com os meios senatoriais.

O período de seu governo ficou marcado por uma eficaz administração econômica quer na capital do império quer nas províncias, com um aumento significativo do tributo anual e a implementação de medidas econômicas muito mais severas, o que permitiu atingir níveis de progresso assinaláveis nas finanças do Estado, tendo inclusive angariado fundos para a construção do

templo dedicado a Júpiter Capitolino e para o Coliseu de Roma. Após a sua morte a 23 de junho de 79, foi sucedido no trono pelo seu filho maior, Tito.

Família e carreira]



O Coliseu de Roma, também chamado de Anfiteatro Flávio.

Vespasiano nasceu em Falácrinas, no território dos Sabinos, perto de Rieti. O seu pai era um membro da ordem equestre que se enriqueceu como arrecadador de impostos na província romana da Ásia e como prestamista na Helvécia, onde viveu durante algum tempo. A sua mãe, Vespásia Pola, era irmã de um senador.

A pedido da sua mãe, Vespasiano seguiu a carreira política do seu irmão Tito Flávio Sabino. Serviu no exército como tribuno militar em Trácia (36) No ano seguinte foi eleito questor e serviu em Creta e Cirenaica. Foi ascendendo pelo Cursus honorum sendo eleito edil em 39 e pretor em 40, aproveitando a oportunidade para se congregar com o imperador Calígula.

Por essa época contraiu matrimônio com Flávia Domitila, a filha de um cavaleiro de Ferêncio. Vespasiano e Flávia tiveram dois

filhos, Tito e Domiciano e uma filha, chamada Domitila. Foi então que Flávia faleceu, e Vespasiano converteu a Cenis, sua amante, na sua esposa em tudo menos no nome.

Quando Cláudio foi designado imperador em 41, Vespasiano foi designado legado da Legio II Augusta, estacionada na Germânia. Esta nomeação foi devida à influência do liberto imperial, Tibério Cláudio Narciso.

Invasão da Britânia]

Em 43, Vespasiano e a Legio II Augusta participaram na invasão romana da Britânia. O futuro imperador distinguiu-se nesta campanha sob o comando de Aulo Pláucio. Após participar nas batalhas cruciais de Medway e Tâmis, Pláucio enviou-o a sudoeste, e ordenou-lhe penetrar no território hostil através das terras que hoje são os modernos condados de Hampshire, Wiltshire, Dorset, Somerset, Devon e Cornualha. O general romano queria com este movimento assegurar os portos da costa sul e os portos com minas de estanho de Cornualha e as minas de prata de Somerset.

Vespasiano marchou sobre Noviômago dos Revinos (Chichester) a fim de subjugar as tribos de Durotriges e Dumnônios.^[1] Capturou 20 ópidos (fortalezas situadas no alto das colinas), submeteu a duas poderosas nações e reduziu Vectis.^[2] Além disso, estabeleceu uma fortaleza e uma colônia de legionários veteranos em Isca dos Dumnônios (Isca Domnoniorum). À sua volta a Roma foi recompensado com escolhias triunfais (ornamenta triumphalia).

Carreira política]

Vespasiano foi eleito cônsul por volta de finais de 51, após o qual se retirou da vida pública, à qual regressou em 63 sendo nomeado governador da província da África. Segundo Tácito,^[3] o seu governo foi "infame e odioso",

mas segundo Suetônio,^[4] foi "reto e honorável". O ditame deste segundo ajusta-se mais à realidade pois, pelo general, os cargos de governador eram vistos pelos ex-cônsules como perfeitas oportunidades para fazer fortuna e recuperar o dinheiro que usaram nas suas campanhas políticas. A corrupção estava tão difundida que tudo governador voltava da sua província com os bolsos cheios. Contudo, Vespasiano empregou o seu tempo no cargo para fazer amizades em vez de dinheiro; algo que seria muito mais valioso nos anos seguintes. Durante o seu tempo na África do Norte, sofreu dificuldades financeiras e teve de liquidar parte das suas propriedades. Para recuperar a sua fortuna, ressuscitou o comércio com mulas, o que lhe valiou o apelido de Múlio.^[5]

Após o seu regresso da África, viajou para Grécia integrado no séquito do imperador Nero. Porém, perdeu o favor imperial por não mostrar suficiente atenção^[6] aos recitais do imperador com a lira. Por esta época, a carreira de Vespasiano entrou num ponto morto.

Guerra judaico-romana]



Denário com efígie de Vespasiano. Comemorativo da sua vitória na Judeia.

Em 66, Vespasiano foi designado para conduzir a guerra contra os rebeldes judeus da Judeia, que ameaçava o bem-estar das províncias romanas do Oriente. Esta rebelião conduziu ao assassinato do anterior governador e fizera fugir a Caio Licínio Muciano, governador da Síria, quando este tentou restaurar a ordem na zona. Duas legiões, com oito esquadrões de cavalaria e 10 coortes auxiliares, foram enviados para a província sob o comando de Vespasiano, além das tropas que

formavam a guarnição. O seu filho maior, Tito Flávio Sabino Vespasiano, serviu como ajudante pessoal. Durante a guerra Vespasiano tornou-se patrono de Flávio Josefo, um líder da resistência judaica que em A Guerra dos Judeus oferece uma visão próxima do futuro imperador e do seu herdeiro Tito durante a guerra.

Ano dos quatro imperadores



Mapa do Império durante o Ano dos quatro imperadores

Após a morte de Nero em 68, Roma sofreu uma sequência de efêmeros imperadores e guerras civis. Galba foi assassinado por Otão, o que foi derrotado por Vitélio. Os partidários de Otão, procurando outro candidato ao trono ao que apoiar, decidiram-se por Vespasiano.

Segundo Suetônio, uma profecia alegou que os futuros imperadores viriam do Oriente. Vespasiano acabou acreditando que esta profecia se referia a ele, e uma série de oráculos e augúrios aos que consultou reforçaram esta crença.

Vitélio, o imperador então, tinha as melhores tropas do seu lado, as experimentadas legiões da Gália e Germânia. Contudo, as legiões da Ilíria, Mésia e Panônia proclamaram a sua lealdade a

Vespasiano, tornando-o o amo da metade do mundo romano.

Enquanto Vespasiano se dirigiu para o Egito para assegurar o fornecimento de grão, as suas tropas entraram na Itália pelo noroeste no comando de Marco Antônio Primo. As tropas de Vespasiano derrotaram as de Vitélio na Segunda Batalha de Bedríaco e avançaram para Roma. Após uma luta feroz, os soldados entraram na cidade. Durante a confusão da luta o Capitólio incendiou-se e o irmão de Vespasiano, que era o prefeito da cidade foi assassinado por uma multidão da qual a duras penas escapou Domiciano.

Quando recebeu as notícias da derrota e morte do seu adversário Vitélio, expediu um envio de grão para Roma, com um édito no qual anulava as leis de Nero, incluindo as relativas à traição. De caminho para Roma, visitou o Templo de Serápis, no qual experimentou uma visão. Durante a visão foi encontrado por uns sacerdotes do templo, que ficaram convencidos de que podia obrar milagres.

Imperador Vespasiano]

Sequelas da Guerra Civil]



Moeda com a efígie de Vespasiano

Vespasiano foi declarado imperador pelo senado enquanto estava na província de Egito em dezembro de 69.^[7] A administração do império ficou nas mãos do antigo governador da Síria e aliado de

Vespasiano, Caio Licínio Muciano, auxiliado pelo filho do imperador, Domiciano. Durante o seu governo, Muciano iniciou a reforma fiscal que devia restaurar os fundos do império. Após a chegada de Vespasiano a Roma em finais de 70, Muciano pressionou o imperador de modo a que recolhesse tantos impostos como lhe for possível.^[8]

Vespasiano e Muciano ressuscitaram velhos impostos e instituíram outros novos, aumentaram o tributo das províncias e vigiaram constantemente os funcionários públicos do tesouro.

Devido à austeridade demonstrada por Vespasiano, o comportamento da sociedade romana mudou em diversos aspectos.

Em princípios de 70, Vespasiano estava ainda no Egito. Segundo Tácito, a viagem foi adiada por causa do mau tempo.^[9] Contudo, os historiadores modernos sustêm que Vespasiano ficou a fim de consolidar o seu poder na província.^[10] Começaram a circular pelo Egito histórias a respeito da divindade do imperador.^[8] Durante este período estouraram protestos em Alexandria motivadas pela nova política fiscal do imperador, que causaram que os envios de grão a Roma parasse. Porém, Vespasiano conseguiu restaurar o fornecimento, pois a população da capital imperial estava à beira de desfalecer de inanição.^[8]

O levantamento do Egito aumentou ainda mais a crise que experimentava o império, crise motivada pelas guerras civis que açoitavam estas terras. A rebelião da Judeia foi finalmente sufocada por Tito em 66, após a captura de Jerusalém. Em janeiro de 70, a Gália experimentou um levantamento conhecido como a rebelião dos batávios. Os rebeldes eram antigos auxiliares comandados por Caio Júlio Civil e Júlio Sabino, que reclamava a sua condição de imperador da Gália na sua condição de descendente vivo

de Júlio César. As forças sublevadas derrotaram e absorveram duas legiões romanas antes de serem derrotadas em finais de ano pelo cunhado de Vespasiano, Quinto Petílio Cerial.

Chegada a Roma]

Vespasiano regressou para Roma em meados de 70. Era a primeira vez que entrava na cidade como imperador. À sua chegada, o novo líder do império empreendeu de imediato uma série de manobras políticas destinadas a consolidar e legitimar a sua posição:

- A fim de prevenir o seu amotinamento, ofereceu presentes aos cidadãos e ao exército.^{[11] [12]}*
- Reestruturou as ordens senatorial e equestre, arrebatando aos seus inimigos as suas posições de poder e substituindo-os pelos seus aliados.^[13]*
- Advogou pela autonomia regional dos gregos.^{[12] [14]}*

Campanha propagandística]

Outra das manobras que realizou Vespasiano a fim de reforçar o seu poder foi pôr em funcionamento uma autêntica campanha propagandística:^[15]

- Através dos seus agentes, o imperador encarregou-se de que as histórias a respeito da sua divindade, nascidas no Egito, circulassem por todo o império.^[16]*
- As moedas cunhadas durante o seu reinado proclamavam as suas vitórias militares e a paz que graças a ele experimentava o império.^[17]*
- A palavra Vindex foi retirada das moedas de modo a que a opinião pública esquecesse o general rebelde do mesmo nome ("Víndice").*
- As suas obras e projetos incluíam sempre uma inscrição na qual Vespasiano gabava ou condenava os imperadores anteriores.^[18]*
- Foi construído no Fórum um templo à paz.^[13]*

- Os escritos publicados durante o seu reinado deviam passar um filtro com o objetivo de publicar nada que pudesse danificar a sua imagem pública.^[19]
- Foram oferecidas recompensas financeiras aos historiadores antigos.^[20] Os historiadores que viveram durante o seu reinado, tais como Tácito, Suetônio, Flávio Josefo e Plínio o Velho, falam suspeitosamente bem do imperador, ao mesmo tempo que criticam os seus predecessores no trono.^[21]
- Tácito admite que a sua posição se viu reforçada por Vespasiano.^[22]
- Josefo identifica-o como salvador e protetor.^[23]
- Plínio dedica a sua obra *História Natural* ao filho de Vespasiano, Tito.^[24]
- Foram castigados os que falaram contra do imperador.
- Muitos filósofos estóicos foram acusados de corromper a moral romana com falsos ensinamentos e foram expulsos da capital.^[25]
- Helvídio Prisco, um filósofo republicano, foi executado pelos seus ensinamentos.^[26]

Obras e conspirações]



Anfiteatro Flávio. Iniciado durante o reinado de Vespasiano e terminado pelo seu filho Tito.

Pouca informação fica do reinado de Vespasiano entre 71 e 79. Os historiadores afirmam que ordenou a construção de diversos edifícios públicos e que sobreviveu de uma série de conspirações urdidas a fim de derrocá-lo:

- O imperador tratou de reconstruir Roma, a capital do Império, após o Ano dos quatro imperadores.
- Construiu o Templo da Paz e o de Cláudio Deificado.^[13]
- Erigiu uma colossal estátua do deus Apolo, a qual fora projetada durante o reinado do imperador Nero, ao que dedicou uma parte do Teatro de Marcelo (75)
- Começou a construção do Coliseu.
- Segundo Suetônio, Vespasiano foi vítima de constantes conspirações,^[27] embora somente seja conhecida a encabeçada por Aulo Cecina Alieno e Éprio Marcelo (78/79), homens de confiança do imperador.

Agrícola e morte

No fim do reinado de Vespasiano, em 78, o general romano Cneu Júlio Agrícola foi enviado para a província da Britânia. Lá Agrícola consolidou o poder romano, e ampliou a província até o a atual Escócia. A 23 de junho de 79, Vespasiano faleceu vítima de uma inflamação intestinal, que o conduziu a um excesso de diarreia. Segundo Suetônio, as suas últimas palavras foram:^[28]

“ Vae, puto deus fio!”^[29] ”

Ver também

<i>Precedido por</i> <i>Vitélio</i>	<i>Imperador</i> <i>romano</i> 69—79	<i>Sucedido por</i> <i>Tito</i>
<i>Precedido por:</i> <i>Fábio</i> <i>Valente e Árri</i> <i>o Antonino</i>	<i>Cônsul</i> <i>do</i> <i>Império</i> <i>Roman</i> <i>o com</i> <i>Tito</i> <i>Flávio</i>	<i>Sucedido por:</i> <i>Domiciano e Lúci</i> <i>o Valério Catulo</i> <i>Messalino</i>

	Sabino Vespasi ano 70 — 72	
<i>Precedido por: Domiciano e Lúcio Valério Catulo Messalino</i>	<i>Cônsul da Repúbli ca de Roma com Tito Flávio Sabino Vespasi ano 74 - 77</i>	<i>Sucedido por: Décimo Júnio Nóvio Prisco Rufo e Lúcio Ceônio Cômodo</i>
<i>Precedido por: Décimo Júnio Nóvio Prisco Rufo e Lúcio Ceônio Cômodo</i>	<i>Cônsul da Repúbli ca de Roma 79</i>	<i>Sucedido por: Tito Flávio Sabino Vespasiano e Domi ciano</i>

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vespasiano>)

[3]

“Tito Flávio Vespasiano Augusto (em latim Titus Flavius Vespasianus Augustus) (Roma, 30 de dezembro de 39 — Aquae Cutiliae, Sabina, 13 de setembro de 81) foi imperador romano entre os anos de 79 e 81. Foi o filho mais velho e sucessor de Vespasiano.

Antes de ser proclamado imperador, alcançou renome como comandante militar ao servir sob as ordens do seu pai na Judeia, durante o conflito conhecido como a primeira guerra judaico-romana (67 — 70). Esta campanha sofreu uma breve pausa após a morte do imperador Nero (9 de junho de 68), quando Vespasiano foi proclamado imperador pelas suas tropas (21 de dezembro de 69). Neste ponto, Vespasiano iniciou a sua participação no conflito civil que assolou o império durante o ano da sua nomeação como imperador, conhecido como o ano dos quatro imperadores. Após essa nomeação, recaiu sobre Tito a responsabilidade de acabar com os judeus sediciosos, tarefa realizada satisfatoriamente após sitiar e destruir Jerusalém (70), cujo templo foi demolido no incêndio. A sua vitória foi recompensada com um triunfo e comemorada com a construção do Arco de Tito. Seu pai o associou, a partir de 71, ao poder tribunício.

Sob o reinado do seu pai, Tito coletou receios entre os cidadãos de Roma devido ao seu serviço como prefeito do corpo de guarda-costas do imperador, conhecido como a guarda pretoriana, bem como devido à sua intolerável relação com a rainha Berenice de Cilícia. Apesar destas faltas à moral romana, Tito governou com grande popularidade após a morte de Vespasiano a 23 de junho de 79 e é considerado como um bom imperador por Suetônio e outros historiadores contemporâneos.

O mais importante do seu reinado foi o seu programa de construção de edifícios públicos em Roma. A enorme

popularidade de Tito também foi devida à sua grande generosidade com as vítimas dos desastres que sofreu o império durante o seu breve reinado: a erupção do Vesúvio em 79 d.C. e o incêndio de Roma de 80 d.C. Após dois anos no cargo, Tito faleceu sofrendo de febre, a 13 de setembro de 81 d.C. A grande popularidade de Tito fez com que o senado o deificasse.

Prometia ser um imperador à altura do seu pai, mas o seu breve reinado foi marcado por catástrofes. Em 24 de agosto de 79, o vulcão Vesúvio destruiu as cidades de Pompeia e Herculano e, em 80, Roma foi de novo consumida por um incêndio.

Estabeleceu um governo indulgente, respeitando os privilégios do senado e realizando grandes obras públicas. Uma das ações mais importantes como imperador foi inaugurar, em 80 d.C., a obra que seu pai, Vespasiano, iniciara, o anfiteatro Flávio, conhecido habitualmente como Coliseu, embora este ainda estivesse incompleto.

Tito foi sucedido pelo seu irmão menor, Domiciano.

Bibliografia

Juventude

Tito nasceu em Roma, filho primogénito de Vespasiano e Domitila, a Maior.[1] Tito teve uma irmã chamada Domitila Menor e um irmão, chamado Tito Flávio Domiciano, embora conhecido habitualmente com o nome de Domiciano.

As décadas de guerra civil durante o século I a.C. contribuíram enormemente para o decaimento da velha aristocracia de Roma, que fora gradualmente substituída no poder por uma nova nobreza provincial durante a primeira parte do século I.[2] A família Flávia surgiu da obscuridade na dinastia júlio-claudiana, adquirindo a riqueza e influência necessárias para chegar ao poder. O bisavô de Tito, Tito Flávio Petro, serviu como centurião sob Cneu Pompeu Magno durante a Segunda Guerra Civil da República de Roma. A sua carreira militar terminou quando Pompeu sofreu uma derrota esmagadora às mãos de Júlio César na Batalha de Farsália (48 a.C.).[3]

Contudo, Petro conseguiu melhorar a sua situação casando-se com uma tertula sumamente rica, cuja fortuna garantiu a ascensão do filho de ambos, Tito Flávio Sabino I, o avô de Tito.[4] O mesmo Sabino amassou uma grande riqueza como arrecadador de impostos na província da Ásia e como banqueiro na Helvécia. Casando-se com Vespásia Polião aliou-se com uma das famílias patrícias de maior ascendência aristocrática. A riqueza e a linhagem de Vespásia Polião e Tito Flávio Sabino I garantiram a ascensão dos seus

filhos, Vespasiano e Tito Flávio Sabino II, à classe senatorial.[4]

A carreira política de Vespasiano incluiu os cargos de questor, edil, pretor, e culminou em um consulado em 51 d.C., o ano em que nasceu Domiciano. O pouco conhecido da juventude de Tito chegou através dos escritos de Suetônio. O historiador relata que o futuro imperador foi criado na corte imperial junto a Britânico,[5] o filho do imperador Cláudio, que seria assassinado por Nero em 55 d.C. Poucos detalhes chegaram sobre a sua educação, mas aparentemente mostrou pronto uma grande inclinação pelas artes militares, era um poeta experto e um grande orador tanto em grego quanto em latim.[6]

Carreira militar

Província da Judeia durante o século I d.C.

Tito serviu como tribuno militar na Germânia entre 57 d.C. e o 59 d.C. e na Britânia (60 d.C.) chegando com os reforços necessários após a revolta de Boudica. Em 63 d.C. regressou para Roma e casou-se com Arrecina Tértula, filha de um antigo prefeito da guarda pretoriana. A mulher de Tito faleceria em 65 d.C.[7] e este tomou uma nova mulher chamada Márcia Funila que pertencia a uma família aristocrática. Porém, esta família era disposta a unir-se à oposição ao imperador Nero. O seu tio Quinto Márcio Barea Sorano e a sua filha Servília

faleceram após a fracassada conspiração de Caio Calpúrnio Pisão em 65 d.C.[8] Alguns historiadores modernos teorizam que Tito se divorciou da sua esposa devido à conexão da sua família com a conspiração.[9] [10] Não voltou a casar-se de novo. Tito parece ter tido muitas filhas,[11] sendo ao menos uma delas de Márcia Furnila.[12] A única que chegou à idade adulta foi Júlia Flávia, que pode ser filha de Arrecina, pois a mãe desta também se chamava Júlia.[13] Durante este período Tito dedicou-se à justiça, sendo questor.[12]

Campanha da Judeia

Em 66 d.C., os judeus da província de Judeia rebelaram-se contra o Império Romano. Céstio Galo, o governador da província da Síria, foi derrotado na batalha de Beth-Horon e forçado a se retirar de Jerusalém.[14] O rei pró-romano Herodes Agripa II e a sua irmã Berenice fugiram para a Galileia. Nero designou a Vespasiano para esmagar a rebelião, este marchou imediatamente à região com a V e X legiões.[15] Vespasiano uniu-se a Tito e à XV legião em Acre.[16] Com uma força de 60.000 soldados profissionais, os romanos dispuseram-se a varrer a rebelião através de Galileia e marchar sobre Jerusalém.[16]

A guerra foi coberta pelo historiador judeu-romano Flávio Josefo na sua obra "A Guerra dos Judeus". Josefo serviu como comandante na defesa da cidade de Jotapata quando o exército romano invadiu a Galileia em 67 d.C. Após um duro sítio de 47 dias, a cidade caiu,

deixando cerca de 40 000 prisioneiros, que foram assassinados, enquanto o restante dos resistentes se suicidaram.[17] O próprio Josefo rendeu-se a Vespasiano, que o liberou ao observar a sua inteligência.[18] Durante 68 d.C. toda a costa e o norte da Judeia caíram sob o controle romano. Esta expedição serviu para que Tito se distinguisse como um general competente.[12] [19]

Ano dos quatro imperadores

O Império Romano durante o ano dos quatro imperadores (69 d.C.). As áreas azuis eram províncias leais a Vespasiano.

A última e importante fortaleza que resistia era a cidade judaica de Jerusalém. Contudo, a campanha sofreu uma pausa quando chegaram notícias de Roma da morte do imperador Nero e da nomeação de Galba pelo senado como sucessor.[20] Vespasiano decidiu enviar Tito a apresentar os seus respetos ao novo imperador.[21] Contudo, quando Tito se aproximava à cidade, recebeu notícias da morte de Galba e da nomeação de Otão como sucessor, além da marcha para Roma desde a Germânia de Vitélio. Não querendo arriscar-se a ser capturado por nenhum dos dois bandos, Tito cancelou a viagem e voltou a unir-se ao seu pai na Judeia.[22]

Enquanto isso, Otão fora derrotado na Primeira Batalha de Bedríaco e suicidara-se tão nobremente que emocionara Roma.[23] Quando chegaram notícias aos exércitos das províncias de Judeia e Egito, estes

decidiram nomear Vespasiano como imperador a a 1 de julho de 69 d.C.[24] Vespasiano aceitou, e mediante intensas negociações levadas por Tito, uniu-se ao governador da Síria, Caio Licínio Muciano, formando uma força muito importante no Oriente .[25] Esta força mudou-se para Roma liderada por Muciano, enquanto Vespasiano marchou para Alexandria, ficando Tito ao comando para que acabasse com a rebelião.[26] [27] No fim de 69 d.C. as tropas de Vitélio foram derrotadas e o senado declarou Vespasiano como imperador a 21 de dezembro, finalizando desse modo o Ano dos quatro imperadores.[28]

Sítio de Jerusalém

Enquanto isso, os judeus encontravam-se num conflito civil entre eles, dividindo a resistência entre os sicários, liderados por Menahem ben Judá e Eleazar ben Ya'ir, e os fanáticos conduzidos por João de Giscala.[29] Tito aproveitou então a oportunidade de começar o assalto sobre Jerusalém. Ao exército romano uniu-se a XII Legião, que fora derrotada sob o comando de Céstio Galo. Desde Alexandria, Vespasiano enviou Tibério Júlio Alexandre para que agisse como segundo de Tito.[30] Tito rodeou a cidade no comando de três legiões (V, XII e XV) sobre o lado oeste e enviou a X legião sobre o Monte das Oliveiras, a leste. Tito cortou os alimentos e a água à cidade, depois permitiu a entrada de alguns judeus para celebrar a Páscoa negando depois a saída. O exército romano era acossado continuamente pelos judeus e numa ocasião estes quase capturaram Tito.[31]

Após as tentativas de Josefo de negociar uma rendição, os romanos retomaram as hostilidades e rapidamente destroçaram as primeiras fases da muralha.[32] Para intimidar a resistência, Tito crucificou os desertores judeus em torno das muralhas.[33] Neste ponto, os judeus estavam a ponto de se renderem por causa da fome e os romanos aproveitaram a debilidade para irromper na cidade após quebrar a última fase da muralha.[34] Os romanos penetraram na cidade, capturaram a Fortaleza Antônia e iniciaram um assalto frontal sobre o Templo.[35] Segundo Josefo, Tito ordenara que o Templo não fosse destruído,[36] porém, durante a batalha pela cidade, um soldado lançou uma antorcha para o interior do Templo e este ardeu depressa.[37] O cronista Sulpício Severo, no entanto, afirma que Tito ordenou a destruição do Templo.[38] Fosse o que for, o Templo foi totalmente destruído e a cidade saqueada, após o qual os soldados proclamaram-no Imperator no campo de batalha.[39] Segundo Josefo 1.100.000 pessoas foram assassinadas durante o sítio, destes a maioria eram judeus.[40] Fontes antigas informam de que 97.000 pessoas foram capturadas e escravizadas, incluindo Simon Bar Giora e João de Giscala.[40] Muitos escaparam a locais próximos do Mediterrâneo. Aparentemente Tito recusou aceitar uma Coroa de erva (condecoração militar romana) alegando que "não há mérito em vencer umas gentes abandonadas pelo seu próprio Deus".[41]

Herdeiro de Vespasiano[editar | editar código-fonte]

Arco de Tito

Triunfo de Tito, detalhe do Arco de Tito, Roma

O Arco de Tito, situado na Via Sacra, a sudeste do Fórum Romano

Incapaz de navegar para a Itália durante o Inverno, Tito celebrou uns esplendorosos jogos na Cesareia Marítima e Berytus (atual Beirute), depois viajou para Zeugma do Eufrates, onde se apresentou com uma coroa a Vologases II de Partia. Visitando Antioquia confirmou os direitos tradicionais dos judeus naquela cidade.[42] No seu caminho para Alexandria, deteve-se em Mênfis onde consagrou o touro sagrado de Ápis portando uma diadema. Esta diadema era para os romanos um símbolo de realeza. Segundo Suetônio estes fatos causaram uma grande consternação em Roma, onde se temia que se rebelasse contra Vespasiano. Segundo Suetônio Tito viajou imediatamente para Roma com o fim de dissipar os rumores sobre a sua conduta.[43] Após a sua chegada à cidade em 71 d.C., foi recompensado com um triunfo.[44] Acompanhado por Vespasiano e o seu irmão Domiciano, desfilou a cavalo pela cidade sendo saudado de maneira entusiasta pela população e acompanhado pelos seus tesouros e prisioneiros de guerra. Josefo descreve-o como uma procissão com ingentes quantidades de ouro e prata. A procissão incluía os prisioneiros de guerra e os tesouros do Templo de Jerusalém.[45] Simão bar Kokhba foi executado no Fórum Romano, depois disso, a procissão ufanou-se em realizar os requeridos sacrifícios religiosos no Templo de Júpiter.[46] O Arco do Triunfo de Tito, que fica na entrada do Fórum, comemora a vitória de Tito.

Com Vespasiano declarado imperador, Tito e o seu irmão Domiciano receberam o título de César em nome do senado.[47] Além de compartilhar o poder tribunicio com o seu pai, Tito foi designado cônsul em sete ocasiões durante o reinado do seu pai[48] e atuou como o seu secretário comparecendo em certas ocasiões no senado no seu nome.[48] Tito foi designado comandante da guarda pretoriana, fazendo mais sólida a posição de Vespasiano como monarca legítimo.[48] Contudo Tito tornou-se infelizmente famoso entre a população devido às suas violentas ações ordenando a execução de pessoas suspeitas de traição.[48] Quando em 79 d.C., foi destapado um complô dirigido por Aulo Cecina Alieno e Éprio Marcelo para derrocar a Vespasiano. Alieno foi convidado a uma ceia, na que foi assassinado por punhaladas no coração.[48] [49]

Durante as revoltas judaicas, Tito iniciou uma relação com Berenice de Cilícia, irmã de Herodes Agripa II,[22] que colaborara com os romanos durante a campanha e depois/(portanto)logo apoiara a Vespasiano no seu caminho para o trono.[50] No ano 75 d.C., ela voltou junto a Tito e viveu abertamente com ele no palácio como a sua prometida. Os romanos eram cépticos sobre esta relação e a desaprovavam. A pressão do povo fez com que Tito se separasse dela,[51] porém a sua reputação sofreu muito por causa desta relação.

Imperador

Sucessão

Bustos de Vespasiano (esquerda) e Tito (direita). Museus Capitolinos

Vespasiano faleceu em 23 de junho de 79 por causa de uma infecção[52] e foi sucedido pelo seu filho Tito.[53] Os romanos, por causa dos seus supostos vícios, temiam que Tito se tornasse outro Nero.[54] Contra todos os prognósticos, Tito demonstrou ao povo que era um imperador eficaz e foi muito querido por todos os romanos. Um dos seus primeiros atos como imperador foi ordenar publicamente suspender os juízos baseados em traição.[55] A lei de traição, ou a lei de maestras, a princípio foi usada para processar os que tinham prejudicado as pessoas e a majestade de Roma por qualquer ação revolucionária.[56] Contudo, sob o reinado de César Augusto, esta lei também fora aplicada para condenar os escritos difamatórios.[56] Sob o reinado de Tibério, Calígula e Nero utilizou-se para justificar as execuções, criando uma rede de informantes que fez tremer a administração romana durante décadas.[55] Tito acabou com esta prática, declarando:

É impossível que eu seja insultado ou ultrajado. Eu nada faço que mereça ser censurado, e não me importam as falsidades que sobre mim sejam escritas. E, quanto aos imperadores que já estão mortos e enterrados, já se vingarão por si mesmos caso alguém lhes fazer algum mal, se em verdade são semideuses e possuem algum poder.[57] 

Portanto, nenhum dos senadores foi assassinado durante o seu reinado;[57] Tito manteve assim a sua promessa de que assumiria o cargo de pontífice máximo (pontifex maximus) com o objetivo de manter as mãos limpas".[58] Os informantes públicos foram castigados e desterrados da cidade. Como imperador, Tito ficou conhecido pela sua generosidade, e Suetônio declara que para compreender que ele não tirara nenhuma benefício de ninguém durante um dia inteiro ele comentou, "Amigos, perdi um dia".[55]

Desafios

Consequências da erupção do Vesúvio: Jardim dos Fugitivos, Pompeia.

Embora o seu reinado ficasse livre de conflitos militares ou políticos, Tito teve de afrontar um grande número de desastres. A 24 de agosto de 79 d.C., apenas dois meses depois da sua ascensão ao trono, o monte Vesúvio entrou em erupção,[59] causando a quase completa destruição das cidades da baía de Nápoles. As cidades de Pompeia e Herculano foram sepultadas sob toneladas de pedra e lava causando a morte de um grande número de pessoas.[60] Tito designou dois ex-cônsules para dirigir as tarefas de reconstrução e doou uma grande quantidade de dinheiro do tesouro imperial a fim de ajudar as vítimas do vulcão.[55] O próprio Tito visitou Pompeia após a erupção e depois outra vez mais no ano seguinte.[61]

Durante a segunda visita, um incêndio que durou três dias estourou em Roma.[55] [61] Embora o grau de destruição não fosse tão desastroso quanto o do grande incêndio do 64 d.C., Dião Cássio registrou uma longa lista de edifícios públicos danificados parcialmente ou consumidos totalmente pelo fogo. Entre eles, estavam o Panteão de Agripa, o Templo de Júpiter, o Diribitório, o Teatro de Pompeu e a Septa Júlia, entre outros.[61] De novo, Tito pagou do seu bolso os danos ocasionados pelo fogo.[61] Aparentemente houve uma praga durante o incêndio,[55] embora se desconheça a natureza da doença e o número de falecidos.

Enquanto isso, a guerra continuara na Britânia, onde Cneu Júlio Agrícola se internou na Caledônia e dirigiu o estabelecimento de várias fortificações.[62] Como consequência das suas ações, Tito foi aclamado Imperator pela décima-quinta vez.[63]

O seu reinado também sofreu a rebelião de Terêncio Máximo, um de vários "Neros" falsos que continuaram aparecendo ao longo dos anos 70. Embora Nero seja conhecido nomeadamente como um tirano, chegaram escritos que informam que foi enormemente popular nas províncias orientais durante o seu reinado.

Segundo Dião Cássio, Terêncio Máximo seria parecido com Nero na voz e no aspecto e, como ele, tocava a lira.[57] Terêncio estabeleceu-se na Ásia Menor, mas pronto foi forçado a escapar para além de Eufrates,

tomando refúgio entre os Partas.[57] Além disso, as fontes antigas declaram que Tito descobriu que o seu irmão Domiciano conspirava contra ele, mas recusou a opção de assassiná-lo ou desterrá-lo.[58] [64]

Obras públicas

Anfiteatro Flávio.

A construção de Anfiteatro Flávio, conhecido habitualmente como o Coliseu de Roma, começou na década de 70 sob o reinado de Vespasiano e finalizou sob o reinado de Tito nos anos 80.[65] Além das espetaculares dimensões, que ofereciam um grande entretenimento para a população romana, o Coliseu representava também os sucessos militares dos Flávios durante as guerras judaico-romanas.[66] Os jogos inaugurais duraram cem dias, e foram sumamente elaborados, incluindo combates de gladiadores, pelejas de animais selvagens, representações de batalhas navais (para as que foi inundado o teatro), corridas de cavalos e de carros.[67] Durante os jogos, passaram entre o público umas bolas de madeira, inscritas com vários prêmios com os que os ganhadores eram obsequiados.[67]

Junto ao anfiteatro, dentro do recinto da Casa Dourada de Nero, Tito ordenara a construção de novos banhos públicos públicos, que deviam levar o seu nome.[67] A construção deste edifício terminou de pressa para que

coincidissem com a finalização das obras do Anfiteatro Flávio.[54]

A prática do culto imperial foi ressuscitada por Tito, embora aparentemente isto encontrou algumas dificuldades, pois Vespasiano não foi deificado senão seis meses depois da sua morte.[68] Para honra e glória da dinastia dos Flávios, começaram as obras do Templo de Vespasiano e Tito que finalizaria durante o governo de Domiciano.[69] [70]

Morte

Ao finalizar os jogos, Tito dedicou oficialmente ao povo a construção do anfiteatro e os banhos, o que foi seu último ato como imperador.[64] Tito partiu para os territórios dos sabinos mas caiu enfermo e faleceu por causa de febres,[71] aparentemente no mesmo imóvel que o seu pai.[72] Segundo parece, as últimas palavras que pronunciou Tito foram "somente cometi um erro".[64] [71] Tito governara o Império Romano durante dois anos, da morte do seu pai em 79 d.C. até a sua morte a 13 de setembro do 81 d.C.[64] Tito foi sucedido por Domiciano cujo primeiro ato foi deificar o seu irmão.[73]

Os historiadores especularam muito sobre a morte de Tito e do erro ao qual se refere nas suas últimas palavras, Filóstrato defende que foi envenenado por Domiciano e que a sua morte fora prognosticada por Apolônio de Tiana.[74] Suetônio e Dião Cássio sustentam que faleceu de

causas naturais, mas acusam Domiciano de abandonar o seu irmão enfermo[64] [73] e segundo Dião, o erro ao que Tito refere é o de não ter executado o seu irmão, mesmo sabendo de sua participação no complô contra ele.[64]

Legado

Os relatos sobre Tito escritos por historiadores antigos são mais favoráveis que sobre qualquer outro imperador. Os escritos que sobreviveram, a maioria de autores contemporâneos a Tito, oferecem uma visão estremadamente favorável para o imperador, sobretudo comparado com o tirânico governo do seu irmão Domiciano.

A obra de Flávio Josefo, A guerra dos judeus, oferece uma visão de primeira mão sobre o caráter de Tito durante a primeira guerra judaico-romana. Contudo a neutralidade do escrito de Josefo foi questionada, pois Josefo estava em dívida com o imperador. Quando Tito chegou a Roma em 71 d.C., Josefo acompanhava-o como parte do seu séquito, e depois o historiador receberia a cidadania romana e tomaria o nome e o prenome dos seus padroeiros. Josefo recebeu uma pensão anual e viveu em palácio.[75] Sob o patrocínio do imperador, Josefo escreveu muitas das suas obras mais conhecidas. A obra conhecida como A Guerra dos Judeus inclina-se contra os líderes da rebelião, apresentando o levantamento como uma operação mal organizada e culpando os judeus de causar a guerra.[76]

Outro contemporâneo de Tito, Públio Cornélio Tácito, que começou a sua carreira pública em 80 d.C. ou 81 d.C. e que deve a sua ascensão à dinastia Flávia, oferece uma visão sobre o imperador Tito.[77] As suas Histórias foram escritas neste período, e publicadas durante o reinado de Trajano. Porém, os cinco primeiros livros deste texto, que abrangem os reinados de Tito e Domiciano não foram preservados.

Suetônio oferece um relato curto mas muito favorável sobre o reinado de Tito na sua obra As vidas dos doze césares.[78] Suetônio ressalta os seus sucessos militares e a sua generosidade; assim, a sua descrição de Tito diz:

Tito, chamado do mesmo jeito que o seu pai, foi querido por todo o povo romano, coisa muito difícil. Era tão superior que era um prazer para a raça humana, foram estas características o que lhe fizeram ganhar o afeto da população.[78] *Cquote2.svg*

Outro autor, Dião Cássio, escreveu a sua História de Roma cerca de cem anos depois da morte de Tito. Cássio tem uma visão muito similar à de Suetônio, e é muito provável que utilizara a este como a sua fonte principal:

Cquote1.svg *O fato de as fontes falarem muito bem de ele é devido a que esteve pouco tempo no trono, e apenas teve oportunidade de fazer o mal. Desde a data em que o nomearam imperador transcorreram somente dois anos,*

dois meses e vinte e nove dias -além dos vinte e nove anos, cinco meses e vinte e cinco dias que vivera até então. Certamente, por isso é acreditado que igualou o longo reinado de Augusto, pois Augusto nunca teria sido amado caso viver menos, nem Tito caso viver mais. Augusto, embora se mostrasse irascível pelas guerras e outros contratempos, foi muito capaz, com o tempo, de conseguir uma brilhante reputação pelos seus generosos atos; Tito, pelo contrário, governou com temperança e faleceu no apogeu da sua glória. De ter vivido muito mais, ficaria demonstrado que deve mais a sua fama atual à fortuna do que aos seus próprios méritos.[53] Cquote2.svg

*Plínio o Velho, que faleceu durante a erupção do Vesúvio, [79] dedicou a sua obra *Naturalis Historiæ* ao imperador.[80]*

([https://pt.wikipedia.org/wiki/Tito_\(imperador\)\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tito_(imperador))))

[4]

“Tito Flávio Domiciano (em latim: Titus Flavius Domitianus^[1] ; 24 de outubro de 51 — 18 de setembro de 96), habitualmente conhecido como Domiciano, foi imperador romano de 14 de setembro de 81 até a sua morte a 18 de setembro de 96. Tito Flávio Domiciano era filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano com sua mulher Domitila e irmão de Tito Flávio, a quem ele sucedeu.

A sua juventude e os começos da sua carreira transcorreram à sombra do seu irmão Tito, que alcançou considerável renome militar durante as campanhas na Germânia e Judeia dos anos 60. Esta situação manteve-se durante o reinado do seu pai Vespasiano, coroado imperador a 21 de dezembro de 69, após um longo ano de guerras civis conhecido como o ano dos quatro imperadores. Ao tempo em que o seu irmão gozou de poderes semelhantes aos do seu pai, ele foi recompensado com honras nominais que não implicavam responsabilidade alguma. À

morte do seu pai a 23 de junho de 79, Tito sucedeu-lhe pacificamente, mas o seu curto reinado finalizou abrupta e inesperadamente à sua morte por doença, a 13 de setembro de 81. Ao dia seguinte, Domiciano foi proclamado imperador pela guarda pretoriana. O seu reinado, que duraria quinze anos, seria o mais longo desde o de Tibério.

As fontes clássicas descrevem-no como um tirano cruel e paranoico, localizando entre os imperadores mais odiados ao comparar a sua vileza com as de Calígula ou Nero. Porém, a maior parte das afirmações a respeito dele têm a sua origem em escritores que foram abertamente hostis para com ele: Tácito, Plínio, o Jovem e Suetônio. Estes homens exageraram a crueldade do monarca ao efetuar adversas comparações com os cinco bons imperadores que o sucederam. Como consequência, a historiografia moderna recusa a maior parte da informação que contêm as obras destes escritores ao considerá-los pouco objetivos.^[2] É descrito como um autocrata despiedado, mas eficiente, cujos programas pacíficos, culturais e econômicos foram precursores do próspero século II, comparado com o turbulento crepúsculo do século I. A sua morte marcou o final da dinastia flaviana, bem como a instauração da dinastia antonina.

Biografia

Juventude

Família



Estátua de Domiciano, na Gliptoteca de Munique.

Nascido a 24 de outubro de 51, foi o terceiro filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano e Domitila Maior.^[3] Os seus irmãos eram Domitila Menor (nascida em 39) e Tito Flávio Vespasiano Augusto (nascido o mesmo ano que a sua irmã e conhecido popularmente como Tito).

As décadas de guerra civil que açoitaram o império ao longo do século I a.C. contribuíram enormemente à decadência da velha aristocracia romana, que foi gradualmente substituída no poder por uma nova nobreza provincial durante a primeira parte do século I.^[4] Uma dessas famílias foi a dos Flávios, ou gens Flavia, que se elevou desde uma obscuridade relativa até a proeminência em apenas quatro gerações, adquirindo considerável riqueza e influência sob o reinado dos imperadores da dinastia júlio-claudiana. O bisavô de Domiciano, Tito Flávio Petro, serviu como centurião sob as ordens de Cneu Pompeu Magno durante a Segunda Guerra

Civil da República de Roma. A sua carreira militar terminou quando Pompeu foi derrotado de maneira esmagadora por Júlio César na Batalha de Farsália.^[3]

Contudo, Petro conseguiu melhorar a sua situação casando-se com Tértula, uma mulher sumamente rica, cuja fortuna garantiu a ascensão do filho de ambos, Tito Flávio Sabino, o avô de Domiciano.^[5] O mesmo Sabino amassou uma grande riqueza como arrecadador de impostos na província de Ásia e como banqueiro na Helvécia. Ao casar-se com Vespásia Polião, aliou-se com uma das famílias patrícias de maior avoengo aristocrático. A riqueza e a linhagem dos filhos de Vespásia Polião e Tito Flávio Sabino II garantiram a ascensão dos seus filhos, Vespasiano e Tito Flávio Sabino, à classe senatorial.^[5]

A carreira política de Vespasiano compreendeu os cargos de questor, edil, pretor, culminando em um consulado em 51, ano de nascimento de Domiciano. Vespasiano alcançou a glória militar mercê à sua destacada participação na invasão da Britânia.^[6] Embora as fontes antigas aleguem a pobreza da família Flávia durante a época do nascimento de Domiciano,^[7] e até mesmo sugestionam que os Flávios caíram em desgraça durante os reinados de Calígula (37 - 41) e Nero (54 - 68),^[8] historiadores modernos como Jones afirmam que estes relatos constituem somente uma parte da campanha propagandística realizada durante os reinados dos imperadores pertencentes à dinastia flaviana. Tal campanha tinha como fim minar a popularidade destes impopulares imperadores e gabar a do imperador Cláudio (41 - 54) e a do seu filho Britânico.^[9] Aparentemente, o favor imperial para os "Flávios" foi considerável ao longo do período compreendido entre 40 e 60. Enquanto Tito recebia uma extraordinária educação na corte imperial junto a Britânico, Vespasiano acedia a importantes magistraturas civis e militares.

Após estar retirado da vida pública durante a década de 50, Nero nomeou Vespasiano como procônsul de África em 63. Acompanhou o imperador em uma viagem a Grécia em 66.^[10] Após o início da primeira guerra judaico-romana, na província de Judeia, o imperador designou Vespasiano

comandante dos exércitos ali estacionados^[11]. Domiciano tinha quinze anos na ocasião. Ao finalizar a sua formação militar, Tito uniu-se ao seu pai e dirigiu uma das suas três legiões durante acampanha.^[12]

Adolescência e caráter[editar | editar código-fonte]

Já em 66 fazia tempo que haviam morrido tanto a mãe como a irmã de Domiciano, enquanto o seu pai e o seu irmão lideravam os exércitos da Germânia e da Judeia. Tudo isso motivou que passasse a maior parte da sua adolescência sem os seus parentes mais próximos. Durante a primeira guerra judaico-romana, Domiciano ficou ao cuidado do seu tio Tito Flávio Sabino, que era prefeito urbano de Roma. É provável que Marco Coceio Nerva, que seria o seu sucessor no trono, o tomasse sob a sua proteção.^[11] Recebeu uma educação privilegiada, digna de um jovem procedente da classe senatorial; estudou retórica e literatura. Suetônio, na sua obra Vidas dos Doze Césares escreveu sobre a capacidade que tinha para citar frases de grandes poetas como Homero ou Virgílio nas ocasiões adequadas,^[13] ^[14] e descreve-o como um adolescente culto e educado, capaz de conversar de um modo muito elegante.^[15] As suas primeiras obras publicadas foram poemas, bem como tratados sobre a lei e administração. Ao contrário do seu irmão Tito, não foi criado propriamente na corte imperial, nem parece que recebesse uma educação militar formal; embora Suetônio o descreva como um atirador destro.^[16]



Busto de Domício nos Museus Capitolinos , Roma.

Suetônio, além disso, consagrou uma parte importante da sua biografia a falar da personalidade de Domício, e proporciona uma detalhada descrição do seu caráter e aparência física.

“ Domício era de elevada estatura, semblante modesto, cute rosado e olhos grandes, embora suaves; era formoso e aposto, sobretudo na juventude, embora tivesse os dedos dos pés muito curtos. Mais adiante a este defeito uniram-se outros: cabeça calva, ventre enorme e pernas extraordinariamente delgadas, e enfraquecidas ainda por longa doença.^[17] ”

*Aparentemente, a sua calvície envergonhava-o tanto que em etapas posteriores tratou de dissimulá-la com o emprego de perucas.^[18] Sempre segundo Suetônio, obcecava-se tanto que chegou a escrever um livro a respeito do cuidado do cabelo.^[17] A respeito da sua personalidade, os escritos de Suetônio alternam bruscamente entre uma descrição imperador-tirano, o de um homem físico e intelectualmente preguiçoso ou o de um imperador de caráter refinado e de grande inteligência.^[19] Brian Jones conclui na sua obra, *The Emperor Domitian*, que é complicado falar a respeito da verdadeira natureza da*

personalidade de Domiciano por causa da parcialidade das fontes sobreviventes.^[19] Segundo sugestionam as partes comuns das fontes sobreviventes, é provável que carecesse do carisma natural do seu irmão e do seu pai, que era propenso a suspeitar das pessoas, e que tinha um estranho e ocasionalmente auto-depreciativo senso do humor.^[20] ^[21] A natureza do seu caráter viu-se agravada pela sua tendência ao isolamento. À medida que passavam os anos, esta tendência acentuou-se até o ponto de se comunicar de modo críptico ou até mesmo parar de manter contato com ninguém. Talvez isto fosse consequência da sua infância, transcorrida longe dos seus familiares mais próximos.^[11] Aliás, quando tinha dez e oito anos, a maior parte dos seus familiares próximos tinham morrido em combate ou de doença. Por outro lado, e como consequência de passar quase toda a sua juventude sob o reinado de Nero, os seus anos de educação estiveram fortemente influenciados pela agitação política da época, que culminou na guerra civil de 69 que levaria a sua família ao poder.

Ascensão da dinastia flaviana

Ano dos quatro imperadores



O Império Romano durante o ano dos quatro imperadores, as províncias azuis indicam as regiões leais a Vespasiano.

 *Ver artigo principal: Ano dos quatro imperadores*

A 9 de junho de 68, entre a crescente oposição do senado e o exército, Nero suicidou-se, terminando assim com a dinastia júlio-claudiana e desencadeando uma devastadora guerra civil conhecida como o ano dos quatro imperadores. Em tal

guerra, os quatro generais mais influentes do Império Romano - Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano - disputaram sucessivamente o controlo do mesmo. Informado da morte do último Júlio-Cláudio, bem como da nomeação como imperador de Sérvio Sulpício Galba, então governador da Hispânia Tarraconense, o futuro imperador decidiu pausar a sua campanha e enviar o seu filho Tito a apresentar os seus respetos ao novo imperador.^[22]

Antes de atingir a província da Itália, Tito foi informado do assassinato de Galba e de que Otão fora nomeado sucessor. Nada mais iniciar o seu reinado, o ex-governador da Lusitânia teve de fazer face à rebelião de Vitélio e as suas legiões germanas. O rebelde foi coroado imperador pelas suas tropas e iniciou uma marcha sobre Roma. Não querendo arriscar-se a ser capturado por nenhum dos dois bandos, Tito suspendeu a viagem e voltou para Judeia junto ao seu pai.^[23]

Otão e Vitélio eram cientes da ameaça que representava Vespasiano. Com quatro legiões à sua disposição, liderava uma força composta por cerca de 80.000 soldados. Além disso, a sua sólida posição em Judeia conferiu-lhe uma vantagem de ficar próximo da província do Egito, território vital que controlava o fornecimento de cereais da capital. Paralelamente, o seu irmão, Tito Flávio Sabino, era prefeito urbano, pelo qual controlava o destacamento militar estacionado na cidade.^[24] Apesar de se acrescentar a tensão entre as suas tropas, decidiu não atuar enquanto Galba e Otão detiveram o poder. Contudo, depois da derrota de Otão na Primeira Batalha de Bedríaco,^[25] e do seu nobre suicídio, os exércitos da Judeia e Egito decidiram agir e nomearam imperador a Vespasiano a 1 de julho de 69.^[26] Vespasiano aceitou e, após duras negociações, Tito obteve o apoio do governador da Síria, Muciano; esta união representava a formação de uma imponente força no leste.^[27] Ao mesmo tempo que Vespasiano se mudava para Alexandria com o fim de se assegurar o controlo da província egípcia, Tito ficou no comando do conflito que os enfrentava com os judeus

sediciosos. Por tudo isso, sobre Muciano recaiu a tarefa de tomar Roma.^[28] ^[29]



Réplica do século XVI de um busto de Vitélio. Museu do Louvre (Paris).

Em Roma, Vitélio pôs a Domiciano sob prisão domiciliar a fim de poder empregá-lo como refém frente do iminente ataque de Muciano à capital.^[30] *A situação do imperador era desesperada, pois os seus soldados desertaram em massa para as filas do seu adversário. A 24 de outubro de 69, os dois exércitos enfrentaram-se na Segunda Batalha de Bedríaco. A batalha finalizou com uma esmagadora vitória sobre os soldados vitelianos.*^[31] *Após a sua derrota, Vitélio tratou de assinar um tratado no que renunciava ao trono voluntariamente; porém, os pretorianos impediram-no.*^[32]

A manhã de 18 de dezembro o imperador encaminhou-se para o Templo da Concórdia de modo a depositar a insígnia imperial; porém, no último momento virou-se e regressou para o Palácio Imperial. Acreditando a Vitélio fora de jogo, os estadistas mais influentes da capital reuniram-se na casa de Flávio Sabino^[33] *e proclamaram Vespasiano imperador. Mas as tropas de Vitélio atacaram a escolta de Sabino obrigando-a a se refugiar no monte Capitolino.*^[34] *Embora Muciano se acercasse a Roma, os familiares de Vespasiano não foram capazes de resistir ao assédio. Na manhã seguinte, as tropas imperiais irromperam na Cidadela do Capitólio. Sabino caiu vítima da escaramuça*

que aconteceu.^[35] Domiciano conseguiu escapar disfarçando-se de adorador de Ísis e passou a noite na casa de um dos simpatizantes do seu pai.^[36] A 20 de dezembro Vitélio e os seus exércitos foram derrotados e os seus oficiais executados pelas tropas de Vespasiano. Sem nada que temer, Domiciano apresentou-se às forças invasoras, que o aclamaram como César e o conduziram à casa do seu pai.^[37] A 21 de dezembro o senado proclamou oficialmente Vespasiano como imperador, terminando assim com este sangrento ciclo de guerras civis.^[38] Finalizara o ano dos quatro imperadores; começava o reinado de Vespasiano.

Consequências do conflito



A conspiração de Caio Júlio Civil, por Rembrandt (1661).

Embora a guerra civil finalizasse oficialmente, um estado de anarquia apoderou-se da capital durante os primeiros dias após o falecimento de Vitélio, porém Muciano restaurou a ordem em princípios de 70. Pela sua vez, Vespasiano não acudiria a Roma até setembro daquele ano.^[36] Na ausência do seu pai e o seu irmão, Domiciano agiu como representante dos Flávios no senado, cujos integrantes lhe outorgaram o título de César e o nomearam pretor com poderes proconsulares.^[39] Porém, o seu poder e autoridade eram puramente nominais, preságio do papel que desempenharia ao longo dos seguintes doze anos. Todas as fontes afirmam que era

Muciano o que possuiu o verdadeiro poder na falta do imperador. O ex-governador da província da Síria não permitiu que um jovem de dezoito anos ultrapassasse os limites da sua função simbólica.^[39] Tácito descreve o seu primeiro discurso ante os senadores como um informe breve e moderado.^[40] Para controlá-lo, uma estreita vigilância foi mantida sobre o séquito do César. Além disso, os militares mais influentes, como Ário Varo, prefeito pretoriano, ou Antônio Primo, comandante dos efetivos do imperador na Segunda Batalha de Bedriaco, foram enviados a perigosas missões nas províncias afastadas e substituídos por homens facilmente controláveis como Arrecino Clemente.^[39]

Assim como fizera com as ambições políticas de Domiciano, Muciano afundou também suas aspirações militares. O ano dos quatro imperadores causara uma grande instabilidade nas províncias, conduzindo a uma série de rebeliões lideradas por regimes locais.

Na Gália, comandados por Caio Júlio Civil, os Batávios, efetivos auxiliares das legiões do Reno, desertaram e uniram-se aos tréveros de Júlio Clássico. Desde a capital enviaram-se sete legiões comandadas pelo cunhado do imperador, Quinto Petílio Cerial, que submeteu depressa os sediciosos. Apesar disso, Muciano viu-se forçado a marchar com as suas próprias tropas à zona afetada como consequência dos exagerados informes que recebera. O César tratou então de atingir uma reputação como militar, para o que se uniu aos oficiais com a esperança de lhe ser concedido o comando de uma legião. Tácito escreve que Muciano não confiava em Domiciano, se bem que preferia que permanecesse perto dele, onde puderia controlá-lo, em lugar de em Roma.^[41] Quando chegaram as notícias da vitória de Cerial, Muciano tentou dissuadir o filho do seu aliado de perseguir a fama militar.^[42] Contudo, Domiciano decidiu escrever diretamente a Cerial, ao que sugeriu que lhe traspassasse o comando do exército. Advertido por Muciano, este voltou a recusar.^[43] A chegada do seu pai à cidade afastou-o definitivamente da

política. Passou os anos seguintes dedicando-se às artes e à literatura.^[43]

Matrimônio



Busto de Domícia Longina, no Museu do Louvre. O peculiar penteado era popular durante a dinastia flaviana.

Fracassada a sua carreira política e militar, o futuro imperador focou-se nos assuntos que afetavam a sua vida doméstica. Vespasiano tentou concertar um matrimônio entre o seu filho menor e a filha de Tito, Júlia Flávia.^[44] Contudo, este estava tão profundamente enamorado de Domícia Longina que conseguiu convencer o seu marido, Lúcio Élio Lámia, de que se divorciasse dela.^[44] Vespasiano, embora a princípio se opôs a esta união, cedeu ao ver o benéfica que seria para ambas as famílias. Longina era filha de Cneu Domício Córbulo, um militar competente e político respeitado, que foi assassinado por ordens de Nero após o insucesso da Conspiração de Pisão. Através deste matrimônio não somente ficariam restabelecidas as conexões com a oposição senatorial, mas também se reforçaria a campanha propagandística que visava a ocultar o sucesso experimentado pela carreira política de Vespasiano durante o reinado do odiado imperador. Os oficiais imperiais manipularam a informação a fim de criar falsas ligações com os falecidos Cláudio e Britânico. Reabilitaram-se as propriedades das vítimas dos excessos de Nero.^[45]

Aparentemente o casal foi feliz,^[46] embora se visse obrigado a tolerar constantes acusações de adultério e divórcio.^[46] Em 73, nasceu o único filho do casal, que faleceria em 81.^[47] Jones acredita que esta foi a razão pela qual em 83 Domiciano exilou a sua esposa sob acusações de infertilidade.^[48] Contudo, faria-a voltar, talvez por amor ou com o objeto de fazer calar os rumores que o relacionavam com a sua sobrinha, Júlia Flávia.^[49] É desconhecido se teve algum filho ilegítimo, mas nunca voltou-se a casar. Após suceder no trono ao seu irmão, outorgou à sua esposa o título honorífico de Augusta e forçou o senado a deificar o seu filho. Esta informação procede da gravura presente no reverso de uma moeda expedida durante o seu reinado.^[50]

Herdeiro de caráter formal. Ascenso ao trono



Triunfo de Tito, óleo de Lawrence Alma-Tadema, 1885,^[nota 1] ^[51] ^[nota 2] ^[47]

Em junho de 71 Tito regressou para a capital, após derrotar os sediciosos que se rebelaram na Judeia. O conflito saldara-se com a captura ou falecimento de ao redor de um milhão de pessoas, das quais a maioria eram judaicas.^[52] Foi destruído Jerusalém e o seu templo, sendo capturadas e escravizadas 100.000 pessoas.^[52] A fim de recompensar a sua

vitória, o senado concedeu a Tito um triunfo. Durante a celebração do mesmo, os membros da dinastia flaviana apresentaram-se frente do povo romano precedidos por um desfile no que era exibida a pilhagem de guerra.^[53] À cabeça da procissão iam Tito e Vespasiano, seguidos por Domiciano - em lombo de um semental branco - e o restante da família.^[54] Após executar os líderes da resistência judaica no Fórum Romano, foram realizados sacrifícios religiosos no Templo de Júpiter.^[53] A fim de comemorar a vitória de Tito foi ordenada a construção do Arco de Tito, sito na entrada sudeste do fórum.

O regresso do seu irmão deu ao manifesto a insignificância de Domiciano, tanto militar como politicamente. Na sua condição de primogênito e mercê à sua experiência, Tito foi designado cônsul em sete ocasiões, censor em uma, e, além disso, foi-lhe concedida o poder tribunício (tribunícia potestas) e o comando do corpo de segurança imperial, a guarda pretoriana; tudo isso durante o reinado do seu pai.^[55] Por outro lado, estas concessões confirmavam que Tito era o herdeiro do império.^[56] A Domiciano foram-lhe concedidos os títulos honoríficos de César ou príncipe da juventude (princeps iuventis), além de vários sacerdócios como o de áugure, pontífice, os irmãos arvais, mestre dos irmãos arvais (magister frater arvalium) e sacerdote de todos os colégios (sacerdos collegiorum omnium),^[57] embora nenhum cargo com imperium. Exerceu um consulado ordinário em 73 e cinco consulados sufectos em 71, 75, 76, 77 e 79, substituindo quase sempre no posto ao seu pai ou ao seu irmão em meados de janeiro. Durante os reinados de ambos não obteve nenhum cargo público de importância.^[57] Por outro lado, e embora os seus cargos fossem mais formais do que materiais, esses postos serviram sem dúvida para que Domiciano adquirisse uma valiosa experiência tratando com o senado.^[57] Muciano, estreito colaborador do seu pai durante o ano dos quatro imperadores, desapareceu completamente da vida pública e é provável que falecesse em 75/77.^[58] O verdadeiro poder concentrou-se nas mãos de Vespasiano, Tito, e os seus aliados políticos;

o senado foi mantido como uma falsa fachada de democracia.^[59]

A eficácia de Tito como "co-imperador" do seu pai garantiu que após a morte deste (23 de junho de 79)^[60] se produzisse uma sucessão pacífica e com poucos câmbios. Tito assegurou ao seu irmão que seria designado para desempenhar cargos de importância durante o seu reinado, embora não o investisse com o poder tribúncio nem lhe concedesse cargo com imperium.^[61] De todas formas, se bem que Tito pudesse ter em mente outorgar ao seu irmão cargos públicos de importância, vários acontecimentos durante o seu reinado requiriram toda a sua atenção. A 24 de agosto de 79 o Vesúvio entrou em erupção,^[62] enterrando sob metros de cinza e lava as cidades de Pompeia e Herculano. No ano seguinte estourou um incêndio na capital que danou uma parte importante dos edifícios públicos.^[63]

Por tudo isso, Tito passou grande parte do seu reinado visando a restaurar as propriedades das vítimas. A 13 de setembro de 81, após dois anos no trono, o irmão de Domiciano faleceu por causa de umas febres que contraíra durante uma viagem ao território dos sabinos.^[64]

As fontes clássicas implicam a Domiciano nesta morte, acusando-o diretamente de assassinato,^[65] ou afirmando que abandonou o seu irmão quando este se encontrava muito enfermo.^[54] ^[66] A veracidade destas histórias, sobretudo considerando a subjetividade das fontes coetâneas, é difícil de avaliar.^[66] É muito provável que o afeto fraternal fosse mínimo, fato nada surpreendente, pois apenas se conheciam entre eles.^[61] Independentemente da natureza desta relação, Domiciano nunca mostrou muita preocupação pelo seu irmão moribundo.

Um dia depois do falecimento de Tito, o senado proclamou Domiciano como imperador e concedeu-lhe poderes tribúncios (tribunicia potestas), o cargo de pontífice máximo, e os títulos de augusto e pai da pátria.

Imperador

Administração

Como imperador, Domiciano pôs pronto fim à falsa fachada de democracia republicana estabelecida pelo seu pai e estimulada durante o reinado do seu irmão.^[67] Fez do senado uma instituição obsoleta ao concentrar nas suas mãos os poderes governamentais. À margem do seu poder político, o seu papel como imperador abrangia os aspectos da vida cotidiana da sociedade romana.^[67] Constituía o referente cultural, bem como a autoridade moral.^[68] Ao embarcar-se numa série de ambiciosos projetos econômicos, militares e culturais destinados a restabelecer a glória que experimentou o império durante o reinado de Augusto,^[69] marcou o caminho para uma nova época de prosperidade imperial dirigida pelo governo dos "cinco bons imperadores".

Apesar dos seus revolucionários projetos, estava determinado a governar o império conscienciosa e escrupulosamente; deste jeito implicou-se pessoalmente em todas os ramos da administração imperial.^[70] Os éditos publicados durante o seu reinado afetavam os aspectos da vida privada dos romanos, enquanto os impostos, as leis e a moral pública eram aplicados de maneira rigorosa. Segundo Suetônio, a burocracia imperial nunca se desempenhou de maneira tão eficiente que durante o seu período como imperador; a sua opressiva exigência e a sua predisposição à suspeita provocaram os níveis mais baixos da história relativos à corrupção existente entre os governadores provinciais e os funcionários públicos eleitos.^[71] Entre os exemplos de zelo pelo controlo governamental nas províncias encontra-se o processo contra o procônsul Baebius Massa, governador da província Bética, quem segundo Plínio, o Jovem, foi acusado de concussão durante o reinado de Domiciano.

Embora não atacasse o senado de maneira expressa, os integrantes da câmara consideravam indigno a posição à que foram relegados pela política do imperador. Quanto aos cargos públicos, não houve quase nenhum tipo de favoritismo por motivos familiares, mas foram distribuídos entre os seus

homens de confiança. Desse modo rompia com a política nepotista praticada por Tito e Vespasiano.^[72] À hora de assinar os ofícios valorizava acima de tudo a lealdade e a maleabilidade, qualidades que encontrou mais entre os homens pertencentes ao ordo equester que entre os senadores ou os seus familiares, dos quais desconfiava e aos que destituía se não estavam de acordo com a política imperial.^[73]

A sua autocracia acentuou-se com o fato de permanecer longos períodos de tempo fora da capital, comparáveis aos de Tibério em Capri ou Rodes.^[74] Apesar de o poder do senado ter diminuído consideravelmente após a queda da ordem republicana, durante o reinado de Domiciano o poder central não parecia encontrar-se na capital imperial, mas no lugar no que ele se encontrasse.^[67] De fato, os membros da corte imperial habitaram em Alba ou Circeu até ser completada a construção do Palácio Flávio, localizado no Monte Palatino. O imperador viajou por todas as províncias ocidentais do império, permanecendo três anos na Germânia e Ilíria. Nessas províncias, combateu as tribos que ameaçavam os seus territórios.^[75]

Economia



Domiciano revalorizou a moeda ao aumentar em cerca de 12% o conteúdo de prata de cada denário. Esta moeda comemora a deificação do seu filho, falecido por volta de 81 d.C..

A tendência à micro-gestão do imperador tornou-se evidente na sua política financeira. Embora a questão de se Domiciano deixou a economia imperial com dívida ou superávit fosse intensamente debatida, a maioria das evidências apontam a uma economia relativamente equilibrada durante a maior parte do seu reinado.^[76] Na sua ascensão ao trono revalorizou a moeda ao aumentar em cerca de 12% o conteúdo de prata

presente no denário. Porém, uma crise em 85 forçou a desvalorização da divisa, que alcançou o nível estabelecido por Nero em 65. Ainda assim, o seu valor conservou-se acima do nível mantido durante os reinados de Vespasiano e Tito, e a estrita política fiscal de Domiciano assegurou que este padrão se sustivesse os seguintes onze anos. As moedas cunhadas durante o seu reinado manifestam um considerável grau de qualidade, incluindo uma meticulosa atenção à hora de citar os títulos do imperador e um grande cuidado nos retratos integrados no reverso das moedas, que constituíam refinadas obras de arte.^[77]

Jones estabelece que durante esta época a renda anual da administração imperial atingia os 1.200 milhões de sestércios, mais de um terço deles destinado à manutenção do exército.^[76] *Grande parte deste dinheiro subvencionou a reconstrução da capital imperial, cujos danificados edifícios sofreram o incêndio de 64, o ano dos quatro imperadores (69), e a erupção do Vesúvio (79).*^[78] *Para além de um plano de reformas, os projetos urbanísticos de Domiciano eram destinados a renovar o capital cultural do império. Durante o seu reinado foram erigidos ou completados mais de cinquenta novas estruturas, uma quantidade apenas superada pelos construídos sob a administração de Augusto.*^[78] *Entre estas novas edificações destacam-se o Odeão de Domiciano, o Estádio de Domiciano e um imponente palácio construído pelo mestre arquiteto Rabírio. Esta suntuosa construção, localizada no monte Palatino, seria conhecida como o Palácio Flávio.*^[79] *Restaurou o Templo de Júpiter no Capitólio, cujo teto revestiu de ouro. Completou o Templo de Vespasiano e Tito, o Arco de Tito e o Anfiteatro Flávio; a esta estrutura acrescentou um quarto nível e o acabamento da zona interior nas quais se sentava o público.*^[80]

Para contentar a plebe, a administração imperial investiu por volta de 135 milhões de sestércios em donativos ou congiários.^[81] *Foram ressuscitados os banquetes públicos, degradados a simples distribuições de alimentos durante o reinado de Nero, e assinadas grandes*

quantidades de dinheiro aos jogos e espetáculos. Em 86, foram criados os jogos capitolinos, um evento desportivo celebrado cada quatro anos e que integrava competições atléticas, corridas de bigas e concursos musicais e interpretativos.^[82] O imperador subvencionou as viagens que efetuavam os competidores de qualquer parte do império, e custeou os prêmios. Foram introduzidas inovações no programa de entretenimentos: as simulações de confrontos navais, as batalhas noturnas e os combates de gladiadores protagonizados por mulheres e anões.^[83] Nas competições de carros acrescentaram-se duas novas facções, a de "os ouros" e a de "os púrpuras".

Aspectos militares



Reconstrução de uma das atalaias da Fronteira da Germânia. O mais significativo da política militar de Domiciano foi a expansão e melhora das defesas fronteiriças.

As campanhas militares acontecidas durante o seu reinado foram de natureza defensiva, pois o imperador recusava a ideia da guerra expansionista.^[84] Militarmente a sua contribuição mais importante foi o desenvolvimento da Fronteira da Germânia, uma vasta rede de caminhos, fortificações e torres de vigilância construídas ao longo do rio Reno a fim de defender o império.^[85] travaram-se importantes conflitos; na Gália contra os Catos, e na fronteira do Danúbio contra

os Suevos, Sármatase Dácios. A conquista da Britânia continuou sob o comando de Cneu Júlio Agrícola, um competente general que conseguiu conquistar territórios na Caledônia (a moderna Escócia).^[nota 3] Em 82 foi fundada uma nova legião a fim de combater os Catos, a I Minervia.^[86]

Administrou o exército como fizera com o restante de ramos governamentais, com uma incômoda e constante intervenção. Contudo, a sua falta de competência como estratega militar tornou-se alvo das críticas dos seus conterrâneos.^[84] Reclamou vários "trunfos", entre o que se destaca o acontecido para celebrar a vitória sobre os Catos. Porém, estes triunfos constituem simples manobras propagandísticas cimentadas sobre fictícias vitórias em conflitos que não chegaram ao seu término. Tácito cataloga-os como "simulacros de triunfos", e efetua uma dura crítica da decisão do imperador de retirar os efetivos estacionados na Britânia.^{[87] [88]} Contudo, tornou-se consideravelmente popular entre os soldados após permanecer junto a eles três anos de campanha e aumentar um terço o seu salário.^{[85] [89]} Enquanto os seus oficiais pudessem desaprovar as suas decisões táticas, a lealdade que a sua figura exercia no soldado raso era inquestionável.^[90]

Campanha contra os Catos[editar | editar código-fonte]

Quando ascendeu ao trono, o imperador tratou de se lavar a reputação como militar que não pudera conseguir até então. Em princípios de 82/83, deslocou-se para a Gália visando a renovar o censo; porém, à sua chegada ordenou ao exército iniciar uma campanha contra os Catos.^[91] Fundou-se a Legio I Minervia para combater esta tribo. Os seus homens construíram mais de 75 quilômetros de estradas para descobrir os lugares onde se ocultava o inimigo.^[86] Embora sobrevivesse pouca informação a respeito do conflito, a rápida volta do imperador à capital aponta a que os romanos atingiram uma rápida vitória. Organizou-se um elaborado triunfo na sua honra e ele próprio se outorgou o título de Germânico.^[92] Os escritores antigos desprezam esta suposta vitória, que descrevem como uma campanha "fora de lugar",^[93] da qual deriva um "simulacro de

triunfo".^[87] O importante papel que esta tribo desempenhou na revolta de Saturnino é sintoma do espúrio da campanha.^[85]

Conquista da Britânia



Estátua de Cneu Júlio Agrícola, em Bath, Inglaterra.

Tácito, através da biografia de Agrícola, o seu sogro, confeccionou o informe militar mais detalhado do período flaviano. O historiador dedica grande parte da obra à campanha que liderou este na Britânia (77–84).^[85] À sua chegada à ilha (77/78), Agrícola liderou uma campanha na Caledônia (atual Escócia).

Em 82 o comandante romano alcançou territórios e combateu tribos até então desconhecidas para eles.^[94] Tácito escreve que a sua administração fortificou a costa orientada para Irlanda e

que o seu sogro afirmava com frequência que se podia tomar a ilha com uma só legião reforçada por um destacamento de auxiliares.^[95] Agrícola deu refúgio a um monarca irlandês exilado pelo seu povo a fim de usá-lo como desculpa para tomar a ilha. Embora tal conquista nunca acontecesse, certos historiadores - como Vittorio Di Martino - defendem que as tropas romanas penetraram nesse território quer durante uma missão de exploração em pequena escala ou, na falta, uma expedição de castigo.^[96] No ano seguinte, Agrícola formou uma frota e avançou para além do rio Forth, na Escócia. A fim de oferecer um firme cobrimento defensivo ao avanço foi construída a enorme fortificação de Inchtuthil.^[95] No verão de 84 o comandante romano enfrentou-se às forças caledônias lideradas por Cálgaco na Batalha de Monte Gráupio.^[94] Embora os romanos infligissem uma esmagadora derrota às forças nativas, duas terças partes das hostes caledônias conseguiram escapar e esconder-se nos pântanos escoceses e nas Terras altas. Este exército seria o que finalmente impediu que Agrícola tomasse toda a ilha sob o seu controlo.^[95]

Em 85 Domiciano decidiu chamar Agrícola a Roma. Agrícola servira mais de seis anos como governador da ilha, mais que qualquer legado consular (*legatus consularis*) ordinário da época flaviana.^[95] Tácito afirma, na obra que dedicou ao seu sogro, que o motivo pelo qual este voltara a ser chamado à capital imperial era que as suas vitórias faziam sombra os modestos triunfos que obtivera o imperador na Germânia.^[87] A relação entre Agrícola e Domiciano não é clara: por um lado o primeiro foi recompensado com honras triunfais e na sua honra foi erigida uma estátua; por outro nunca pôde voltar a exercer cargo público algum, apesar da sua experiência e a sua fama. Embora lhe fosse oferecido o governo da província da África, Agrícola recusou; talvez como consequência da sua má saúde ou, tal e qual escreve Tácito, por temor às maquinacões do imperador.^[94] Pouco depois que Agrícola regressasse a Roma, o Império Romano entrou em guerra no Oriente com o Reino da Dácia. À medida que se foram requerindo reforços no leste, Domiciano começou a retirar as legiões que estavam

despregadas em solo britânico. Foi desmantelada a fortaleza de Inchtutil e abandonados os fortes e demais fortificações da Caledônia. Além disso, foi deslocada a fronteira romana 120 quilômetros para sul.^[97] É possível que os mansos militares reprochassem a Domiciano a sua decisão de se retirar, mas para ele os territórios caledônios apenas supunham uma perda de dinheiro para o erário.^[85]

Guerras Dácias



A província romana da Dácia (a área assinalada em violeta), após a conquista de Trajano de 106 d.C.. À direita da imagem encontra-se o mar Negro.

A ameaça mais perigosa à que o império teve de fazer frente durante o reinado de Domiciano tinha o sua origem ao norte da Ilíria, onde Suevos, Sármatas e Dácios realizavam contínuas incursões sobre os assentamentos romanos situados à beira do Danúbio. Destes povos, os mais poderosos eram os Sármatas e os Dácios. Liderados pelo seu rei, estes últimos cruzaram o Danúbio e internaram-se na província de Mésia, semeando o caos (84/85) e assassinando brutalmente o governador, Ópio Sabino.^[98] O imperador trasladou-se de imediato para a província à cabeça de um exército; embora na prática delegasse o comando no seu prefeito pretoriano Fusco, quem, em meados de 85, conseguiu fazer retroceder os Dácios até o seu território. O imperador regressou para Roma a fim de celebrar o seu

segundo triunfo.^[99] Contudo, a vitória não seria definitiva pois, em princípios de 86, Fusco embarcou-se numa fatídica expedição em território dácio, da qual derivou a completa destruição da Legio V Alaudae em Tapas. O prefeito foi assassinado e a águia da guarda pretoriana, roubada.^[100]

O imperador regressou para Mésia em agosto de 86. Uma vez aí, dividiu a província em Baixa e Alta Mésia e trasladou três novas legiões à fronteira do Danúbio. Liderados por Tétio Juliano, os romanos voltaram a invadir a Dácia em 87, e conseguiram derrotar Decébalo no mesmo lugar onde Fusco fora derrotado (88).^[101] Contudo, a situação complicou-se quando os Dácios conseguiram derrotar os Romanos em Sarmizegetusa, e os Germanos devastaram a fronteira alemã. O fim de evitar um conflito em duas frentes, o imperador assinou um tratado de paz com o monarca dácio pelo qual se permitiria o livre acesso de efetivos romanos através do território dácio em troca de uma retribuição anual de oito milhões de sestércios para Decébalo.^[74] Os escritores contemporâneos mostraram-se inflexivelmente críticos com o documento, que consideravam vergonhoso para os romanos e ao que criticavam que não contemplasse cláusula alguma que sancionara aos assassinos de Fusco e Sabino.^[102] Durante o restante do reinado de Domiciano, o território dácio manteve-se relativamente pacífico como reino cliente do império; porém, Decébalo investiu o dinheiro romano na construção de defesas e voltou a desafiar Roma em ulteriores ocasiões. A vitória decisiva sobre o rebelde monarca dácio não se produziria até 106, durante o reinado de Trajano.^[103]

Política religiosa

Ficheiro:Domitian aureus Minerva.png

Áureo da época de Domiciano. No reverso, a deusa Minerva, que apareceu em muitas moedas emitidas em seu reinado.

Domiciano acreditava firmemente na religião romana tradicional e dirigiu uma intensa política com o objeto de ressuscitar os antigos costumes e restabelecer a moral romana. A fim de justificar a divina posição da dinastia

flaviana, enfatizou as fictícias conexões com a deidade romana mais importante, Júpiter.^[68] Foi restaurado o Templo de Júpiter da Capitólio e construída uma pequena capela dedicada a Jupiter Conservator nas imediações do edifício onde se escondeu o imperador a 20 de dezembro de 69. No fim do seu reinado, o edifício seria ampliado e consagrado a Jupiter Custos.^[104] Contudo, a deidade favorita do imperador era Minerva.^[105] Não somente manteve um santuário dedicado a ela no seu dormitório, mas ordenou à sua administração que a deusa aparecesse regularmente nas suas moedas. Além disso, na sua honra foi fundada a Legio I Minervia.^[106] Domiciano também ressucitou a prática do culto imperial, caída em desuso durante o reinado de Vespasiano. Além disso, conferiram-se honras ao seu irmão e foi completado o Templo de Vespasiano e Tito, dedicado ao seu pai e irmão.^[80] A fim de estimular a memória dos triunfos dos Flávios, foram construídos o Templum Divorum e o Templum Fortuna Redux e finalizado o Arco de Tito.

Os projetos de construção constituem a parte mais ostensível da política religiosa efetiva durante o seu reinado, embora o imperador também se preocupasse em fazer cumprir a lei religiosa e a moral pública. Em 85 designou-se a si mesmo censor perpétuo, magistratura responsável pela supervisão da moral e da conduta romana.^[107] De novo, o imperador desempenhou as responsabilidades derivadas do seu cargo com grande diligência. Foi restaurada a Lex Iulia de Adulteriis Coercendis, pela qual os adúlteros eram exilados. Golpeou e expulsou um cavaleiro que fazia parte de um jurado por se ter divorciado da sua esposa e expulsou dosenado a um ex-questor por agir e bailar.^[71] Perseguiu desapiadadamente a corrupção existente entre os funcionários públicos através da eliminação de jurados que aceitaram subornos e a derrogação de leis quando a existência de um conflito de interesses era suspeita.^[71] Castigou com o exílio ou o assassinato os autores de escritos difamatórios, especialmente quando esses escritos iam dirigidos contra ele.^[70] Os atores eram controlados opressivamente pois as suas atuações podiam ser objeto

de sátiras para desprestigiar ao imperador; em consequência, foram proibidas as aparições públicas dos mimos. Em 87 foi descoberto que as virgens vestais quebraram o seu voto de castidade durante a sua época ao serviço do império. Devido a que estas eram consideradas filhas da comunidade, esta ofensa constituía em essência um incesto. Jones afirma que os implicados no delito foram condenados à morte e queimadas vivas as vestais.^{[nota 4] [108]}

As religiões estrangeiras eram toleradas enquanto não interferissem na ordem pública e que pudessem ser assimiladas à tradicional religião romana. Durante o reinado da dinastia flaviana cresceu o culto às diferentes deidades egípcias de um modo que não se voltaria a ver até o começo do reinado de Cómodo. Entre as deidades veneradas destacam-se Serápis e Ísis, identificadas com Júpiter e Minerva respectivamente.^[106] *Uma tradição baseada nos escritos de Eusébio de Cesareia defende que cristãos e judeus foram implacavelmente perseguidos em finais do seu reinado.*^{[109] [110]} *Muitos eruditos defendem a teoria de que o livro do Apocalipse foi escrito durante o reinado de Domiciano como reação à intolerância religiosa do imperador.*^[111] *Contudo, não existem provas determinantes de uma verdadeira opressão religiosa exercida durante o seu reinado.*^{[112] [113]} *Embora os judeus fossem fortemente gravados com impostos, nenhuma fonte contemporânea dá ao manifesto a existência de juízos ou execuções baseados em ofensas religiosas desta natureza.*

Oposição

Revolta de Saturnino



Estátua de Domiciano como imperador. Museus Vaticanos, (Roma).

Em 1 de janeiro de 89 Lúcio Antônio Saturnino, governador da província da Germânia Superior, e as duas legiões estacionadas em Moguntiaco, a XIV Gemina e a XXI Rapax, rebelaram-se contra o império com a ajuda dos catos.^[90] Desconhecem-se as causas da revolta, embora aparentemente fosse organizada com grande antecedência. Os oficiais senatoriais desprezavam as estratégias militares do seu imperador: a sua decisão de fortificar a fronteira germana em lugar de atacar as belicosas tribos que a habitavam, a sua recente retirada da Britânia, e o seu acordo de paz com Decébalos.^[114] Em qualquer caso, a revolta limitava-se estritamente à província de Saturnino, embora a notícia do levantamento rebelde pronto seria conhecida nos territórios vizinhos. Assistido pelo procurador de Récia, Norbano, o governador da Germânia Inferior, Lápio Máximo, trasladou-se à província. Trajano acudiu desde a Hispânia e o próprio Domiciano iniciou a sua marcha à cabeça dos pretorianos. A sorte fez com que um degelo evitara que os cátios cruzassem o Reno em ajuda de Saturnino.^[93] Em 24 dias, os rebeldes foram esmagados e os seus líderes cruelmente castigados. As legiões de

Saturnino foram enviadas a Ilíria, enquanto as que as derrotaram foram generosamente recompensadas

Lápio Máximo recebeu o governo da província da Síria, um consulado em maio de 95, e um sacerdócio ainda possuído em 102. Talvez Norbano fosse nomeado prefeito do Egito do Egito, mas o mais provável é que atingisse a prefeitura pretoriana em 94, com Tito Petrônio Segundo como colega.^[115] O imperador iniciou no ano seguinte um consulado compartilhado com Nerva, o que sugere que este último desempenhou um papel de destaque na descoberta da conspiração; talvez de maneira similar ao que fez com a Conspiração de Pisão durante o reinado de Nero. Embora pouco se conheça a respeito da sua carreira antes da sua adesão ao trono, Nerva amostrou-se como um político diplomático e maleável, capaz de sobreviver a numerosos câmbios de governo; o sucessor de Domiciano foi um dos assessores de maior confiança dos Flávios.^[116] O seu consulado parece ser canalizado a mostrar a estabilidade do seu regime.^[117] Após a supressão da revolta, o império voltou à ordem.

Relações com o senado[editar | editar código-fonte]

Desde a queda do ordem republicana, a autoridade do senado ficara muito minguada sob o regime governamental estabelecido por Augusto, conhecido habitualmente com o nome de "principado". Esta forma de governar permitia a existência de um regime autocrático de fato ao mesmo tempo que mantinha os aspectos formais do sistema republicano. A maior parte dos imperadores estimularam esta falsa fachada democrática ao mesmo tempo que se asseguravam o seu reconhecimento como monarcas ("princeps") entre os senadores. Contudo, Domiciano e outros imperadores não se valeram da diplomacia para atingir este reconhecimento, mas empregaram a força. O próprio Domiciano deu amostras da sua autocracia nada mais ascender ao trono; não gostava dos aristocratas e não tinha medo em mostrá-lo. O seu governo supõe a total anulação do poder do senado, pois as suas decisões eram baseadas nos conselhos de um pequeno grupo de assessores e cavaleiros aos quais foi outorgado o controlo de

importantes magistraturas estatais.^[118] Por outro lado, após o assassinato de Domiciano, os senadores de Roma apressaram-se a aprovar uma moção de "condenação da memória".^[119]

Porém, tratou de realizar alguma concessão ao senado. Considerando que durante os reinados do seu pai e o seu irmão se concentrou o poder consular nas mãos da família flaviana, o imperador admitiu um número surpreendentemente considerável de opositores provincianos ao consulado; sempre e quando ele abrisse cada ano como cônsul ordinário.^[59] Apesar disso, não foi determinado se isto constituiu uma verdadeira tentativa de se reconciliar com as facções hostis do senado. É provável que, ao oferecer o consulado a opositores potenciais pretendia pô-los em perigo aos olhos dos seus partidários. Quando a gestão dos seus inimigos não era impecável, eram exilados ou executados e os seus bens confiscados.^[118]

Tanto Tácito quanto Suetônio mencionam nas suas obras uma escalada de perseguições por volta do final do seu reinado. Ambos os historiadores identificam o momento crítico destas perseguições em algum ponto entre 89, ano da supressão da revolta de Saturnino, e 93.^{[120] [121]} Condenou-se à morte ao menos a vinte opositores políticos e ideológicos,^[122] entre os que se encontram o marido de Domícia Longina, Lúcio Élio Lâmia, e três membros da família imperial, Tito Flávio Sabino, Tito Flávio Clemente e Marco Arrecino Clemente.^[nota 5] O fato de alguns destes homens serem assassinados em 83/85 desacreditam a parte da obra de Tácito na que o historiador dá testemunho da existência de um "reino do terror" em finais do seu reinado. Segundo Suetônio, aqueles dos que o imperador suspeitava eram declarados culpáveis de corrupção ou de traição.

Jones compara as execuções que ordenou Domiciano com as efetuadas durante o reinado do imperador Cláudio (41 - 55), pondo em relevo o fato de, embora Cláudio assassinasse 35 senadores e 300 membros do ordo equester, foi deificado pelo Senado e ainda é recordado como um dos melhores imperadores da história do Império Romano.^[123] Domiciano, embora incapaz de obter o apoio da aristocracia, tratou de neutralizar a

oposição procedente das facções senatoriais hostis através de diversas nomeações consulares. O seu autocrático estilo de governo acentuou a perda de poder senatorial. Por outro lado, o seu equânime trato tanto ao patriciado como à realeza valiou-lhe o desprezo do povo.^[123]

Morte

Assassinato



Estátua de Minerva, no Museu do Louvre. Domiciano a considerava sua protetora. Diz-se que num sonho, ela abandonou-o pouco antes do seu assassinato.

O imperador foi assassinado a 18 de setembro de 96 como consequência de uma conspiração palaciana urdida por uma série de oficiais da corte.^[124] *Suetônio oferece uma detalhada descrição do homicídio, afirmando que o líder dos conspiradores era o camareiro imperial Partênio. Este oficial inimistara-se com o imperador como consequência da execução do seu secretário Epafrodito.*^[125] *Os autores do crime foram um liberto de Partênio, chamado Máximo, e Estêvão, mordomo da sobrinha do imperador, Flávia Domitila. Não foi determinada com certeza a participação da guarda pretoriana, liderada por Norbano e Petrônio Segundo. Dentre eles, é sabido que este último tinha conhecimento do complô.*^[126] *A História Romana de Dião Cássio, escrita quase cem anos depois do delito, cita Domícia Longina entre os conspiradores. Porém, a fé e devoção que esta mulher sentiu pelo seu marido até mesmo*

depois da sua morte faz que a sua participação na conjura fosse pouco provável.^[127]

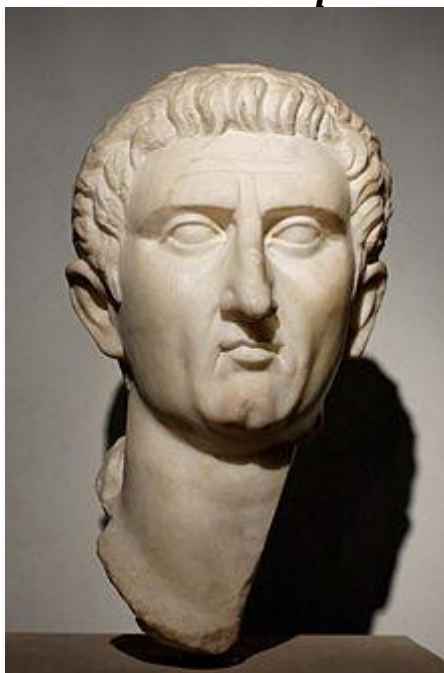
Dião sugestiona que o assassinato foi um ato improvisado.^[128] Contudo, os escritos de Suetônio indicam a existência de uma conspiração bem organizada. A véspera do ataque, Estêvão fingiu uma lesão para poder levar uma adaga sob as vendas com as que se cobria a fictícia ferida.^[129] O dia do assassinato as portas dos quartos dos serventes imperiais foram fechadas. O pessoal do imperador levou a espada que este ocultava sob da sua almofada.^[129] Como consequência de uma predição astrológica, o imperador acreditava que faleceria o dia assinalado pelo astrólogo, perguntou a um mancebo a hora; o moço, incluído no complô, respondeu que era mais de meio-dia.^[130] Aliviado, o imperador dirigiu-se ao seu escritório onde tinha planejado assinar alguns decretos; de repente, Estêvão aproximou-se:

“ *Eis o que foi conhecido desta conjuração e da maneira como pereceu Domiciano. Não sabendo os conjurados onde nem como o atacariam, quer na mesa ou no banho, Estêvão, intendente de Domitila, acusado então de malversação, ofereceu os seus conselhos e o seu braço. Para evitar suspeitas, fingiu ter uma ferida no braço esquerdo, e levou-o durante muitos dias rodeado de lã e vendagens. Chegado o momento, ocultou nele um punhal, e mandou pedir uma audiência ao imperador para denunciar uma conspiração. Introduzido na sua câmara, enquanto Domiciano lia com espanto o escrito que acabava de entregar, apunhalou-o no baixo ventre. Ferido o imperador, tratou de se defender, quando Clodiano, legionário distinguido, Máximo, liberto de Partênio, Satúrio, decurião dos cubiculários, e alguns gladiadores, caíram sobre ele e deram-lhe sete punhaladas.^[129]* ”

Estêvão e o imperador continuariam combatendo no solo até o restante de conspiradores conseguir dominá-lo e assestar-lhe

várias punhaladas. Somente um mês antes do seu 45º aniversário, Domiciano foi morto. Sem cerimônia alguma foi arrastado o seu corpo e cremado o cadáver. Consumido o fogo, misturaram-se as suas cinzas com as da sua sobrinha Júlia, depositadas no Templo Flávio.^[129] Suetônio testemunha a existência de uma série de augúrios que tinham predito a sua morte.^[105] Vários dias antes Minerva aparecer-se-ia em sonho anunciando-lhe que Júpiter a desarmara e que já não seria capaz de protegê-lo.^[105]

Sucessão e consequências



**Busto
no Museu Nacional Romano**

de Nerva,

Segundo o *Fasti Ostienses*,^[131] o senado proclamou imperador a Nerva no mesmo dia do assassinato de Domiciano.^[132] O fato de ser considerado nesse momento sucessor inapropriado ao trono deu motivo a diversos autores a especular sobre a sua participação no homicídio.^{[133] [134]} Dião Cássio afirma que antes de cometer o crime, os conspiradores debateram qual seria o substituto do último membro da dinastia flaviana. Nerva foi um de eles, não somente por causa dos seus dotes administrativos, mas também porque o imperador suspeitava de ele, fazendo que não tivesse nada que perder se participava do complô.^[135] Se bem que nunca foi confirmada a sua participação no

homicídio,^[136] Murison - entre outros - sustém que foi proclamado imperador umas horas após conhecer a notícia e exclusivamente por iniciativa dos senadores.^[132] Embora seja fatível, não parece que participasse na conjura.^[137]

Após a nomeação de Nerva como imperador, o senado emitiu um *damnatio memoriae* (literalmente, "dano à memória póstuma") sobre Domiciano.^[119] as suas moedas e estátuas foram fundidas, os seus arcos destruídos e o seu nome eliminado de todos os registros públicos.^{[138] [139]} Domiciano foi o único imperador sobre o qual foi oficialmente emitida uma *damnatio memoriae*, embora se pudesse impor de fato sobre outros. A maioria dos seus retratos foram restaurados a fim de representarem o novo imperador. Deste jeito a produção de novos quadros era impulsionada, ao mesmo tempo que o material sobre o qual pesava a condenação senatorial era eliminado.^[140] Quase todas as estátuas que chegaram até o nossos dias foram encontradas nas províncias imperiais. O Palácio Flávio passou a ser chamado a "Casa do povo"; Nerva mudou-se para a antiga residência de Domiciano, situada nos Jardins de Salústio.^[141]

Embora a sucessão decorresse depressa, o apoio das forças armadas ao recém falecido imperador ficou latente. À sua morte, os militares solicitaram a sua deificação,^[138] e a jeito de medida compensatória foi demandada a execução dos assassinos de Domiciano, que Nerva recusou.^[142] Receoso, o imperador substituiu Tito Petrônio Segundo por Caspério Eliano como prefeito do pretório.^[143] O começo do reinado de Nerva esteve pontuado pela total insatisfação pelo estado das coisas; em outubro de 97 estouraria uma nova crise quando os pretorianos, liderados por Caspério Eliano, assediaram o Palácio Imperial e tomaram o imperador como refém.^[144] Este viu-se obrigado a ceder às suas petições, a entregar os responsáveis pela morte de Domiciano e até mesmo a emitir um discurso no que elogiava a sua atitude.^[145] Tito Petronio Segundo e Partênio foram capturados e assassinados. Embora o imperador saísse ileso do seu sequestro, este implicou um duríssimo revés para a sua autoridade.^[144] Pouco depois foi

anunciada a adoção de Trajano e a sua nomeação como sucessor ao trono.^[144] Esta decisão supõe para muitos historiadores - como Plínio ou Syme - a sua abdicação.^{[146] [147]}

Legado

Fontes antigas



Inscrição com o nome de Domiciano apagado, mostrando suadamnatio memoriae.

A má relação que mantinha o imperador com as classes senatorial e aristocrática - com a que a maior parte de historiadores clássicos mantinham uma estreita relação - fez que estes oferecessem nas suas obras uma visão muito desfavorável do último dos Flávios.^[119] Por outro lado, historiadores coetâneos como Plínio, Tácito e Suetônio completaram as obras sobre o seu reinado depois que este terminasse, e após a emissão da damnatio memoriae. As obras de alguns poetas cortesões como Marcial e Estácio constituem os únicos testemunhos escritos durante o seu reinado. Apesar disso, não é surpreendente que, como consequência da posição dos autores dos poemas, estes escritos sejam uma mera coleção de bajulações; de fato chegam a comparar o imperador com um deus.^[148]

A obra que trata de modo mais extenso a vida e reinado de Domiciano foi escrita pelo historiador Suetônio, que nasceu durante o reinado de Vespasiano, e publicou as suas obras durante o de Adriano (r. 117–138). A sua Vidas dos Doze Césares constitui a fonte principal do que é conhecido sobre a sua vida; este escrito, embora predominantemente negativo, não o gaba nem o condena expressamente, e de fato assegura que o

final aterrador do seu reinado veio precedido por um próspero começo do mesmo.^[149] Contudo, a veracidade desta obra vê-se afetada no momento em que se contradiz ao apresentar o imperador como um homem moderado ao mesmo tempo que como um decadente libertino.^[19] Segundo Suetônio, o interesse do imperador pela arte e a literatura era fingido. O historiador afirma que nunca se interessou em conhecer os autores clássicos. Paralelamente, certos extratos da obra descrevem o interesse que sentia o imperador pela expressão epigramática, o qual sugestiona que estava familiarizado com os clássicos, pelo qual existe outra contradição. Durante o seu reinado apadrinhou diversos poetas e arquitetos, foram fundadas umas "Olimpíadas da Arte" e restaurada a Biblioteca de Roma, gravemente danificada depois dum incêndio.^[19] [nota 6]

Pela sua vez, Suetônio é a fonte de várias das histórias escandalosas surgidas em torno do matrimônio de Domiciano. Segundo ele, Domícia Longina foi exilada em 83 como consequência da relação extramatrimonial que manteve com o famoso ator Paris. Esta obra afirma que quando o imperador a descobriu, assassinou Paris na rua e divorciou-se. Afirma-se ademais que, após o exílio de Longina, Domiciano tomou Júlia como amante, quem posteriormente faleceria por causa de um aborto.^{[46][150]} Levick considera este relato muito pouco plausível, e põe em relevo a existência de rumores maliciosos em torno à infidelidade de Domícia nas obras dos escritores pós-flávios. De fato, procura-se pôr de relevo a hipocrisia de um monarca que, ao mesmo tempo que defendia com afinco a moral romana, cometia excessos em privado e estava à frente de uma administração corrupta.^[151] Contudo, os escritos de Suetônio dominaram a historiografia imperial romana durante séculos.

Embora considerado o mais fiável dos historiadores da época, a veracidade dos escritos de Tácito que tratam do imperador pôde ser distorcida na medida em que o seu sogro, Cneu Júlio Agrícola, era considerado inimigo pessoal de Domiciano.^[152] Na obra que dedica ao seu sogro, Agrícola, Tácito afirma que o imperador lhe mandou voltar da Britânia como consequência de

que as suas vitórias sobre os Caledônios pusera em evidência a sua própria incompetência militar. Por outro lado, diversos autores modernos, como Dorey, sustentam que Agrícola foi um íntimo amigo do imperador e que, com a sua obra, Tácito tratava unicamente de distanciar a sua família da falecida dinastia no momento em que Nerva acedeu ao poder.^[152] ^[153] As *Historias* de Tácito, bem como a obra dedicada a Agrícola foram escritas e publicadas sob os reinados de Domiciano, Nerva (96 - 98) e Trajano (98 - 117). Infelizmente, a parte das *Historias* em que se fala a respeito da "dinastia flaviana" perdeu-se quase na íntegra. A opinião do historiador a respeito de Domiciano chegou apenas através dos breves comentários presentes nos seus cinco primeiros livros e em *Agrícola*, livro no que critica duramente as capacidades militares do imperador. Porém, Tácito admite abertamente a dívida que tem com os Flávios, quem lhe ajudaram a progredir na sua carreira.^[154]

Outros importantes autores do século II - Juvenal e Plínio - dedicam parte dos seus escritos à vida deste imperador. Juvenal, companheiro de Tácito, pronunciou frente ao senado e de Trajano o seu famoso *Panegírico Trajano* (*Panygericus Traiani*) (100), no qual exalta a nova era de liberdade que começava, definindo desse modo o último dos Flávios como um tirano. Juvenal satiriza cruelmente a sua administração nas suas *Sátiras*, nas quais descreve o ambiente do imperador como corrupto, injusto e violento. Como consequência disso, os historiadores de finais de século herdariam destes escritores a negativa visão, patente nas suas obras. No século III, essa perspectiva foi estimulada pelos escritos de Eusébio de Cesareia e de outros historiadores eclesiásticos, que o consideram um dos primeiros perseguidores dos cristãos.

Revisionismo moderno



Domiciano vestido de militar. (Vaison-la-Romaine).

Esta visão do reinado de Domiciano ficou até os começos do século XX, quando os avanços arqueológicos e numismáticos deram asas a que os expertos voltassem a interessar-se pelo seu reinado. Foi nesta época que se advertiu a necessidade de revisar os escritos de Tácito e de Plínio. Em 1930 Ronald Syme ofereceu uma nova perspectiva sobre a política financeira deste imperador, considerada durante séculos um desastre.

Durante o transcurso do século XX, voltaram-se a avaliar as políticas militares, administrativas e econômicas de Domiciano. Contudo, não se publicaram os escritos que expunham o resultado destes estudos até a década de 1990, quase cem anos depois da publicação do Essai sur le règne de l'empereur Domitien (1894), de Stéphane Gsell. A mais importante destas obras é The Emperor Domitian, escrita pelo historiador Brian W. Jones, que chega à conclusão, em sua monografia sobre o imperador, que este era um desapiadado embora eficiente autocrata.^[155] Este historiador afirma que durante a maior parte do seu reinado não existiu um sentimento hostil generalizado para o imperador ou para a sua administração. Somente uns poucos foram os que denunciaram a sua dureza; os mesmos que à sua morte seriam os que se atreveriam a exagerar o seu despotismo a fim de obter o favor da dinastia antonina.^[155]

Diversos analistas históricos concluem que a política exterior do imperador era realista: recusava a guerra expansionista e inclinava-se por negociar tratados com os seus inimigos; desse modo rompia com a tradição militar romana, que chamava a conquista de novos territórios mediante ataques violentos. O seu eficiente programa econômico elevou a moeda romana a valores que não voltaria a atingir. Cessaram as perseguições das minorias religiosas, e até mesmo dos judeus e dos cristãos.^[155] Porém, a sua administração exibia elementos totalitários: Como imperador acreditava ser o novo Augusto, um déspota iluminado destinado a guiar o Império Romano para nova era de prosperidade.^[69] ^[nota 7] A propaganda religiosa, militar e cultural ia empenhada a fomentar o culto à sua personalidade. Deificou a três membros da sua família e levantou poderosas estruturas a fim de que o povo recordasse os sucessos da sua dinastia, celebrou elaborados triunfos para criar uma imagem de imperador-guerreiro,^[84] auto-nomeou-se censor perpétuo e controlou eficazmente a moral pública e privada.^[107] Também se implicou pessoalmente em todos os ramos da sua administração, fazendo cessar a corrupção existente entre os funcionários públicos públicos. O mau do seu censurado é que implicava uma total

anulação da liberdade de expressão; além disso, durante o seu reinado manteve uma opressiva atitude para os senadores. A difamação era penada com o exílio ou a morte, embora como consequência da sua natureza suspeitosa aceitasse informação de delatores que formulassem falsas acusações de traição sobre os seus inimigos.^[156]

Embora os seus contemporâneos o vilipendiassem depois da sua morte, a sua administração sentou as bases para o pacíficoséculo II. As políticas dos seus sucessores, embora menos restritivas, diferiam pouco das suas. De fato, o "triste colofão do século I" de Tácito, Plínio e os seus sucessores é apenas uma das mais prósperas épocas do império. Theodor Mommsen considera que o seu reinado foi pontuado por um despotismo sombrio e inteligente.^[157]

Historiografia

- *Tácito. Este historiador escreveu as suas Historias durante o reinado da dinastia flaviana. Porém, parte da sua obra perdeu-se.*
- *Décimo Júnio Juvenal. Este autor de sátiras representa Domiciano e o seu reinado como corrupto, injusto e violento.*
- *Suetônio. Este historiador, no seu trabalho Vidas dos Doze Césares, amostra a visão mais completa de todas as fontes antigas que escrevem sobre Domiciano.*^[158]
- *Estácio. Escreveu quatro poemas que contêm pormenores da vida de Domiciano.*
- *Marco Valério Marcial. O seu trabalho contém referências e epigramas sobre Domiciano.*

Representações na arte

Literatura

- *Domitia and Domitian (2000) é um romance histórico escrito por David Corson. Está baseado nos trabalhos de Brian Jones e Pat Southern, e desenvolve-se em torno de Domícia Longina e Domiciano.*

- Os romances de Marco Didio Falco (1989–?) são uma série de romances históricas-políciacas escritas por Lindsey Davis. O argumento desenvolve-se durante o reinado de Vespasiano, mas Domiciano aparece em alguma delas.
- *The Light Bearer* (1994) é um romance histórica escrita por Donna Gillespie.
- *The Roman Actor* (1626) é uma peça de teatro escrita por Philip Massinger na que Domiciano destaca-se como personagem principal.

Cinema e televisão]

- *La Rivolta dei Pretoriani* (1964) é um filme italiano dirigido por Alfonso Brescia. Nela narra um complô fictício da guarda pretoriana que tinha como fim derrocar a Domiciano. Pierro Lulli encarna o imperador.
- *Dacii* (1967) é um filme romeno dirigida por Sergiu Nicolaescu. Narra como se desenvolveram as Guerras Dácias de Domiciano. György Kovács encarna a Domiciano.
- *Age of Treason* (1993) é um telefilme britânico baseado nos romances de Marco Didio Falco, escritos por Lindsey Davis. O argumento decorre durante o reinado de Vespasiano. Aqui, Domiciano, interpretado por Jamie Glover, aparece como personagem secundário.
- *San Giovanni - L'apocalisse* (2003) é um telefilme britânico que narra a perseguição à que foram submetidos os cristãos durante o reinado de Domiciano, que aparece como protagonista. É interpretado por Bruce Payne.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Domiciano>)